



ALMA

Academia de Liderança para
Mulheres do Agronegócio

ALMA, substantivo feminino

*A história da academia de liderança
que estimula o conhecimento
e o protagonismo da mulher
no agronegócio*

Suelen Farias
Christiane Leles Rezende De Vita
Camila Benatti Mourad



PARCERIA:





ALMA

Academia de Liderança para
Mulheres do Agronegócio

ALMA, substantivo feminino

*A história da academia de liderança
que estimula o conhecimento
e o protagonismo da mulher
no agronegócio*

Suelen Farias
Christiane Leles Rezende De Vita
Camila Benatti Mourad

PARCERIA:



Copyright Corteva Agriscience™/Academia de Liderança para Mulheres do Agronegócio (ALMA)™ ®
Marcas registradas da Corteva Agriscience e de suas companhias afiliadas. ©2023 Corteva.

Revisão: Mitiyo S. Murayama

Projeto Gráfico e Diagramação: Lisia Lemes - Lilemes Comunicação

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Farias, Suelen

Alma, substantivo feminino [livro eletrônico]: a história da academia de liderança que estimula o conhecimento e o protagonismo da mulher no agronegócio / Suelen Farias, Christiane Leles Rezende De Vita, Camila Benatti Mourad. -- São Paulo: Fundação Instituto de Administração, 2024.
PDF

Bibliografia.

ISBN 978-65-985097-0-5

1. Agronegócio 2. Gestão de negócios 3. Inovações 4. Mulheres no agronegócio 5. Mulheres - Biografia
6. Mulheres - Histórias de vida I. Vita, Christiane Leles Rezende De. II. Mourad, Camila Benatti. III. Título.

24-232890

CDD-338.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Agronegócios: Economia 338.1

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Realização:



Este trabalho pode ser reproduzido gratuitamente, sem fins comerciais, em sua totalidade ou em parte, sob a condição de que sejam devidamente indicadas a publicação de origem e suas autoras.

Sobre as autoras



Suelen Farias

Jornalista com especialização em Novas Mídias, Rádio e Televisão pela Universidade Regional de Blumenau, Suelen atuou como produtora, repórter, editora e apresentadora em emissoras de Santa Catarina e São Paulo por quase duas décadas. Há 11 anos, trabalha com conteúdos e projetos voltados para o mercado de economia e agronegócio. É editora e apresentadora do programa A Voz do Mercado, uma parceria entre Portal Agrolink e Pensa/FIA. Suelen foi também coautora do livro Agricultura gigante e global, sobre a trajetória de Alysson Paolinelli, uma das personalidades brasileiras mais respeitadas no Brasil e no mundo.



Christiane Leles Rezende De Vita

Coordenadora pedagógica e professora da ALMA, Christiane é engenheira agrônoma pela Universidade Federal de Goiás, mestre pelo Programa de Pós-Graduação Interunidades em Nutrição Humana Aplicada (PRONUT) da Universidade de São Paulo (USP) e doutora em Administração pela FEA-USP. Professora em cursos do PENSA – Centro de conhecimento em agronegócios da FIA Business School, participa também da gestão dos cursos e realiza pesquisas e consultorias nas áreas de gestão de agronegócios, contratos, café e liderança feminina no agro.



Camila Benatti Mourad

Coordenadora pedagógica da ALMA, Camila é graduada em Administração pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), doutora e mestre em Administração, na área de Economia das Organizações pela FEA/USP. Coordenadora executiva das atividades de educação corporativa e consultoria do PENSA/FIA Business School e professora da FIA em cursos de pós-graduação e extensão voltados para o agronegócio, atua nas temáticas de planejamento estratégico, desenvolvimento organizacional e gestão de processos. Realizou os cursos Leading into the Future no ISEG da Univ. de Lisboa e Mulheres na Liderança no MIT – Professional Education.



Sumário

Prefácio.....	09
Introdução.....	12
História da ALMA.....	15
Depoimento Rosemeire Cristina dos Santos	16
Depoimento Gislaine Balbinot.....	20
Depoimento dos professores Pensa/FIA.....	25
Essência da ALMA.....	32
Depoimento Hilda Andrea Loschi	33
Depoimento Simoni Tessaro Niehues	37
Depoimento Kedjane Silva de Almeida.....	40
Depoimento Marisa de Souza Contreras.....	43
Depoimento Jucinéia Moraes Lago.....	47
Raio X da ALMA.....	50
A voz da ALMA.....	58
Conclusão.....	69

Prefácio

Nos últimos 50 anos, o Brasil passou de importador para um dos maiores produtores e exportadores de alimentos do mundo. Esse crescimento do setor agropecuário, que hoje contribui com mais de 20% do PIB nacional e é responsável por metade das exportações brasileiras, foi acompanhado por transformações profundas, que incluíram avanços tecnológicos, maior profissionalização e a inserção de novos perfis de liderança. Mesmo diante das incertezas climáticas, dos desafios de infraestrutura logística e da necessidade de uma gestão financeira eficiente, o cenário segue otimista, com perspectivas de crescimento contínuo.

Nesse ambiente de mudanças, as mulheres têm conquistado espaços importantes e se destacado por possuir visão inovadora, gerencial e humanizada que agrega a tradição e a tecnologia. A atuação feminina, que antes era vista como complementar, agora é fundamental na construção de um setor agropecuário diversificado, inclusivo e competitivo. Como bem destaca a ONU Mulheres, promover a equidade de gênero em todas as atividades sociais e econômicas são garantias para o efetivo fortalecimento e impulsionamento dos negócios, para a melhoria da qualidade de vida de mulheres, homens e crianças, e para o desenvolvimento sustentável. Portanto, mulheres liderando propriedades produtivas no campo não apenas quebram estereótipos, mas também trazem novas perspectivas e soluções criativas para os desafios do setor.

Segundo o último Censo Agropecuário do IBGE (2017), das mais de 5 milhões de propriedades rurais do Brasil, cerca de 1 milhão — quase 20% — são geridas exclusivamente por mulheres. Além disso, quase 30% do mercado de trabalho nas atividades associadas ao agronegócio são ocupadas por mulheres, com destaque para os segmentos da agroindústria e dos agrosserviços. Esse crescimento na participação feminina é acompanhado de um aumento no nível de instrução, maior formalização do emprego e altos índices de satisfação no trabalho rural.

Esses números refletem não apenas uma mudança de cenário, mas também o resultado de ações concretas que buscam apoiar, capacitar e engajar mulheres em atividades essenciais para o desenvolvimento rural.

Apesar desses avanços, ainda há um desafio importante a ser enfrentado: a baixa representatividade feminina em assentos de entidades e associações do agronegócio. Dessa forma, é fundamental que as mulheres estejam não apenas dentro das porteiras, mas também em posições de liderança e tomada de decisão, ocupando espaços em sindicatos, cooperativas e associações, visto que a organização coletiva é a ferramenta de representação, fortalecimento e defesa de nossos direitos e interesses como produtoras rurais.

Essa necessidade da inserção feminina em fóruns de decisão e na representação de classe tem se fortalecido a cada ano, sinalizando que o futuro do agro brasileiro passa, necessariamente, pela diversidade de pensamentos.

Nesse contexto, surge a demanda crescente pelo despertar feminino e dos jovens para o coletivo, para o trabalho voluntário e, principalmente, para o desenvolvimento da capacidade de liderança, com o objetivo de dar vez e voz para mais mulheres ocuparem essas cadeiras de representação pela competência e dedicação, de forma estratégica e somando para o agronegócio como um todo. Além disso, vale destacar que o resultado do envolvimento nessas ações é positivo também para a vida pessoal e profissional de cada mulher que decide iniciar essa trilha pelo bem comum.

Nesse cenário, a Comissão Nacional das Mulheres do Agro da CNA, lançada em 2023, tem desempenhado um papel transformador. Como uma das 20 comissões técnicas da entidade, seu objetivo é ampliar a participação das mulheres e desenvolver lideranças femininas no setor, encorajando e valorizando o trabalho da mulher rural. A comissão atua em três eixos principais: formação de grupos estaduais para capilarizar os objetivos nacionais, desenvolvimento de lideranças por meio de capacitações e articulação política e institucional para garantir a influência das mulheres do campo no cenário político e nas pautas relacionadas ao setor.

As capacitações oferecidas desempenham um papel fundamental na formação de lideranças que se destacam por sua competência e conhecimento técnico. Os treinamentos abordam uma ampla gama de temas estratégicos e práticos, como Poder e Influência, Gerenciamento de Crises, Processos Legislativos, Comunicação e Mídia Training. Além disso, incluem tópicos voltados para o fortalecimento da presença feminina no setor, como a Promoção de Agenda para Mulheres no Congresso Nacional, além de questões mais técnicas e gerenciais como Cenário Econômico Agropecuário Brasileiro, Estratégia e Posicionamento no Agronegócio e Técnicas de Negociação.

Em menos de um ano, o colegiado auxiliou na formação e estruturação de novos grupos de mulheres, contribuindo para a expansão de três para 18 comissões/grupos estaduais. Em conjunto, essas comissões têm trazido as mulheres para o centro do debate sobre temas relevantes para o desenvolvimento rural. Por meio de ações coordenadas, elas fomentam o protagonismo feminino em fóruns de discussão, sindicatos, associações e cooperativas, promovendo a coesão entre mulheres que, juntas, alcançam resultados ainda mais expressivos.

As ações da Comissão Nacional das Mulheres do Agro da CNA têm promovido uma verdadeira revolução no campo, onde as mulheres não apenas participam, mas lideram com competência e dedicação.

Ao olharmos para o futuro, vemos que novas oportunidades estão surgindo para o público feminino no agro. A promoção de políticas e processos de incentivo e inclusão das mulheres no meio rural representa um novo capítulo na história do agronegócio brasileiro. A **Academia de Liderança para Mulheres do Agronegócio** surge preenchendo lacunas de conhecimento e oferecendo às participantes a oportunidade de se desenvolverem como lideranças completas, preparadas para enfrentar os desafios do setor com confiança e competência.

Este livro representa, portanto, um convite a todas que desejam trilhar o caminho do protagonismo no agro brasileiro. Que este livro inspire mais mulheres a engajarem em ações coletivas e a ocuparem espaços de liderança, contribuindo para um setor agropecuário cada vez mais forte e equilibrado.

Somos agentes transformadoras e somos essenciais para o agronegócio!

Stéphanie Ferreira Gobato

Presidente da Comissão Nacional das Mulheres do Agro da CNA

Introdução

O agronegócio brasileiro vive uma revolução em que as mulheres têm um papel fundamental. Elas estão redefinindo a gestão dos negócios e buscando conhecer as inovações com persistência e liderança em um espaço que, historicamente, foi dominado pelos homens. Este livro conta a história da ALMA (Academia de Liderança para Mulheres do Agronegócio) e também de mulheres que, com determinação, estão mudando a dinâmica do campo, desconstruindo barreiras e reescrevendo grandes histórias. Com depoimentos reais e inspiradores, convidamos você a mergulhar em uma jornada de superação e de crescimento pessoal e coletivo.

A Academia de Liderança para Mulheres do Agronegócio é um programa de educação continuada, mas acima de tudo, é um fio condutor que conecta todas essas realidades. Desde seu início, a ALMA tem se tornado uma poderosa mola propulsora que oferece conhecimento, apoio e oportunidades para que as mulheres do agro se desenvolvam e se posicionem como líderes, um testemunho da importância dessa iniciativa e do impacto profundo que ela tem causado na vida das alunas.

Este livro foi cuidadosamente pensado e organizado para mostrar uma visão real da jornada dessas mulheres. Após esta breve introdução, o segundo capítulo contará a história da ALMA por meio de depoimentos daqueles que fazem o projeto acontecer. O primeiro deles trará Rosemeire Cristina dos Santos, a idealizadora da ALMA, que descreve o início do projeto e a motivação por trás da criação de um espaço dedicado ao protagonismo feminino no agronegócio. Rosemeire nos mostra que a transformação do setor não é apenas uma questão de números de produtividade e exportações, mas do dia a dia de pessoas, fundamentais no processo.

Na sequência, Gislaire Balbinot, diretora executiva da ABAG (Associação Brasileira do Agronegócio), compartilha em uma entrevista sua parceria com a ALMA desde o início da jornada. Gislaire destaca a importância de criar um ambiente de apoio e capacitação contínua, destacando como a academia ajudou a transformar as vidas das participantes e ampliar sua participação em diferentes espaços de poder e decisão no agronegócio.

Os coordenadores do PENSEA/FIA, Cláudio Pinheiro Machado Filho, Camila Mourad e Christiane Leles, oferecem uma perspectiva pedagógica sobre a estrutura dos programas da ALMA. Eles destacam a importância de criar um currículo que seja não apenas informativo, mas inspirador, capacitando as mulheres para que se sintam seguras e preparadas para liderar.

O terceiro capítulo do livro é um convite a conhecer histórias das produtoras rurais que ilustram a diversidade e a força feminina. Hilda Andrea Loschi conta sua trajetória pesso-

al e profissional, mostrando como a ALMA a ajudou a encontrar sua voz e a se tornar uma líder em sua comunidade. Simoni Tessaro Niehues compartilha sua experiência como produtora rural desde a adolescência, descrevendo como a ALMA lhe trouxe confiança e visão para expandir seu negócio familiar e assumir papéis de liderança.

Kedjane Silva de Almeida relata que, mesmo vinda de um setor completamente diferente — a educação física —, encontrou no agromercado sua verdadeira vocação. A ALMA permitiu que ela entendesse seu potencial



como líder, ajudando a transformar seu negócio e sua visão sobre o impacto do setor no país. Já Marisa Contreras, uma farmacêutica que se tornou produtora de cafés especiais, conta como o conhecimento adquirido na academia lhe deu a confiança e a clareza necessárias para expandir sua produção e liderar um projeto coletivo que impactou a vida de milhares de outras produtoras.

Outro depoimento poderoso é o de Jucinéia Moraes Lago, que utilizou sua experiência no mercado financeiro e na área da saúde para construir, ao lado do marido, um negócio consolidado em Mato Grosso do Sul. Ela explica como a ALMA a ajudou a transformar quilos de informação em toneladas de conhecimento, permitindo que ela fosse uma agente de mudança em sua propriedade e na comunidade.

No quarto capítulo, o leitor terá acesso à pesquisa feita por profissionais do PENSA/FIA que ilustra o impacto da ALMA no desenvolvimento pessoal e profissional das participantes, além de seu engajamento em ações coletivas. A transformação dessas mulheres vai além de suas atividades nas fazendas; passa pelo engajamento em comunidades e associações, atuação que promove uma mudança cultural que inspira novas gerações a continuar no campo. Os dados levantados com a participação de 75 alunas da ALMA

mostram que, após o curso, muitas delas passaram a se engajar mais ativamente em ações coletivas, ocupando posições de liderança em cooperativas, associações e sindicatos, uma virada de chave para a criação de um setor mais plural e representativo.

Durante a pesquisa realizada com as alunas aquelas que desejassem poderiam deixar depoimentos sobre sua participação na ALMA. Estes depoimentos ilustram o quinto e último capítulo “A voz da ALMA”.

Este livro é um ingresso para que você conheça de perto essas mulheres e se identifique com a importância do conhecimento e das oportunidades para aquelas que desejam crescer e liderar. Ele é um testemunho da capacidade do agronegócio brasileiro de continuar gigante, mas preparado para evoluir e se transformar em um universo mais harmonioso, em que mulheres são reconhecidas como agentes fundamentais de mudança.

Cada depoimento é uma prova do poder do conhecimento, da solidariedade e da liderança femininas. As mulheres que ilustram este livro estão construindo um novo futuro para o campo brasileiro — um futuro mais justo, mais igualitário e mais próspero. Que essas histórias possam motivar você a continuar acreditando na força do coletivo e no poder transformador do feminino na sociedade.

A história da ALMA

Neste capítulo você vai entender como a ALMA nasceu a partir de uma pesquisa que revelou anseios e dificuldades da vida das mulheres que atuam no campo. A vontade de criar um ambiente acolhedor, didático e com informações relevantes para o dia a dia dessas produtoras foi o impulso que a ideia precisava para se transformar em realidade. Mas a proposta não era só reunir mulheres do agro para mais um encontro pontual...

A Corteva, multinacional americana que atua há décadas no Brasil, contou com a parceria da ABAG (Associação Brasileira do Agronegócio) para elaborar um programa inédito de liderança com foco em produtoras rurais que oferecesse conhecimento contínuo e atualizado, mas mais do que isso, despertasse nas alunas uma postura de mais autonomia e compreensão da relevância delas, estimulando assim seu protagonismo no gigante agronegócio brasileiro.

O modelo inovador idealizado precisava de um parceiro educacional e, desde 2022, este papel é exercido pela FIA Business School, por meio do PENSA, seu núcleo de agronegócios, um dos mais antigos e respeitados centros de pesquisa e ensino voltados ao agro

do país, que se uniu à ALMA num desafio obstinado de entender as demandas reais dessas mulheres e possibilitar a aplicação de conhecimento no dia a dia dos negócios e das cadeias produtivas.



Equipe de Coordenação ALMA durante a Jornada de 2022: Denise Salvatti, Mariana Konowalenko, Gislaine Balbinot, Renata Maron (moderadora do evento), Rosemeire dos Santos, Claudio Machado, Christiane Leles e Camila Mourad.

Depoimento de **Rosemeire Cristina dos Santos,**

a economista que teve a ideia de unir iniciativa privada, uma entidade de representação do agro brasileiro (ABAG), produtoras rurais e uma escola de negócios para fundar a Academia de Liderança para Mulheres do Agronegócio.



“A ALMA é a transformação cultivada por meio do conhecimento. A gente planta o conhecimento para fazer uma transformação dessas mulheres, para elas assumirem o protagonismo na sua comunidade, na sua fazenda, ajudar no processo sucessório da sua família.”

Foi depois de ler a pesquisa *Perfil da Mulher do Agronegócio Brasileiro*, encomendada pela ABAG (Associação Brasileira do Agronegócio), em 2016, que a economista Rosemeire Cristina dos Santos teve a ideia de reunir a Corteva, multinacional onde atua como Líder de Relações Governamentais para Proteção de Cultivos e Biológicos no Brasil, a ABAG, produtoras rurais de diferentes estados e uma escola de negócios, inicialmente a Fundação Dom Cabral e posteriormente

a FIA Business School, para estimular o conhecimento e a aplicação dele nas fazendas onde a liderança de mulheres se destacava. “Essa pesquisa nos chamou muito a atenção. Primeiro: elas não se sentiam capacitadas a trabalhar no agro. Segundo: elas queriam espaço para elas, com continuidade.”

Rose já havia participado de outras academias de liderança que não eram voltadas para a mulher, e pelos resultados, sempre muito evidentes, achava que seria um modelo interessante para trabalhar o incentivo ao protagonismo feminino.

A primeira turma em 2019 reuniu 20 mulheres, produtoras rurais de diferentes lugares do país, que se dispuseram a ir para São Paulo e Belo Horizonte, em encontros 100% presenciais. “Foram essas mulheres que participaram da primeira turma que nos ajudaram a formatar o conteúdo, a desenvolver uma linguagem com a qual elas se sentem mais

confortáveis e os temas que são de interesse. Elas contribuíram muito para o projeto”, relembra Rosemeire.

E elas adoraram a experiência, não queriam sair das aulas, queriam que a programação fosse mantida pelos próximos anos. “Hoje a gente tem vários projetos sendo executados para mulheres, porém, o que diferencia a ALMA é a continuidade. Elas começam e passam por um ciclo de aprendizado.”

Aí veio a pandemia e, como todo mundo, a ALMA precisou se adaptar ao digital. As aulas continuaram quinzenais e surpreenderam pela adesão num período tão delicado, que acelerou tantas mudanças sociais.

“Depois que adotamos o modelo *online*, eu achei que não fosse ter um engajamento forte porque as pessoas não estavam acostumadas ao método virtual de aprendizado, mas foi positivo, a gente conseguiu um bom engajamento delas.”

Governança, liderança de mulheres nas fazendas e gestão do agronegócio são alguns dos assuntos do curso que acontece sempre de abril a outubro. Na grade de conteúdo, há discussões sobre ESG (ambiental, social e governança, tradução da sigla em inglês) e mentorias para a produção de relatórios de sustentabilidade aplicados às fazendas. “Nós estamos preocupados com a qualidade dessas participantes. E que o conteúdo que aportamos ao curso seja útil para elas, que melhore a vida delas na fazenda, que as ajude a enxergarem a comunidade, o agronegócio de outra forma, compartilhando informações, sendo disseminadoras de conhecimento.”

Passada a pandemia, em 2022, a iniciativa ganhou o reforço da experiência do Pensa/FIA Business School na execução das aulas voltadas às necessidades diárias das mulheres produtoras rurais. “Eu conhecia a FIA Business School há algum tempo e quando soube que eles estavam com alguns programas de capacitação, pedimos uma proposta para a curadoria pedagógica do projeto.”

Também após a pandemia, a ALMA ganhou mais corpo com alunas que se reencontraram com o setor depois de anos afastadas da atividade. Rosemeire lembra que o retorno de mulheres para o agro aconteceu porque muitas cuidavam de negócios paralelos da família e que, com o isolamento social, muitos deles não sobreviveram. “Elas voltaram para as fazendas. Há vários casos hoje dentro da ALMA de pessoas que voltaram para o agro nesse período.”

O ano de 2024 marca os 5 anos da ALMA, e a academia continua com propósitos do início do projeto, fugindo de modismos e reforçando o caráter sólido e contínuo da proposta. Hoje, no Brasil, já existem muitos grupos só de mulheres do agro, mas a ALMA tem alguns diferenciais. “Nós nunca desejamos ter um público muito grande apenas por modismo, ou para aparecer na internet.”

Quando pensou a ALMA, Rose quis que os conteúdos fossem voltados à mulher que está no dia a dia da fazenda. “O que a gente buscou com a ALMA foi essa conexão com a mulher da fazenda, que construiu a história e que vê o agronegócio como parte da família dela.”

Rosemeire Cristina dos Santos é considerada a mentora da Alma, mas prefere ser intitulada como facilitadora desse encontro bonito do agro feminino com o conhecimento. “A ALMA é a transformação cultivada por meio do conhecimento. A gente planta para fazer uma transformação dessas mulheres, para assumirem o protagonismo na sua comunidade, na sua fazenda, ajudar no processo sucessório da sua família.”

A sucessão familiar é um tema sensível no Brasil, mas precisa ser debatido e conduzido com sabedoria. “A gente passa por uma transição muito grande porque a população brasileira está envelhecendo. Para ter uma ideia, em vinte anos nós teremos trocado pelo menos 60% dos líderes das propriedades rurais. Isso traz um desafio enorme, e a mulher tem uma força muito grande dentro desse processo.”

Mais críticas, as produtoras rurais passam a incentivar também as filhas, que antes eram preteridas na governança dos negócios e passam a ser fortes candidatas à sucessão, basta ter interesse e se prepararem para o desafio. “Tem uma coisa interessante na ALMA. Você tem mães e tem filhas participando. A ALMA muda o posicionamento da mulher. Você vê muitas mulheres que não se reconheciam como produtoras rurais. Elas entendiam que a fazenda era do marido e, nessa transição de geração, as filhas já estão sendo preparadas para assumir o negócio.”

Muitas vezes, as filhas eram preteridas porque o filho mais velho deveria assumir a propriedade. Hoje, Rose conta que existem muitos casos de filhas que assumem a pro-

priedade. “A ALMA dá o subsídio para que elas façam isso, incentivamos que haja uma discussão dentro do processo sucessório da família de que não é o primeiro, o segundo ou o terceiro filho que vai assumir a liderança da propriedade, e sim quem estiver mais capacitado.”

A economista vive o agronegócio desde pequena, e a paixão pelo setor é geracional. Com passagens na FAMATO, Federação de Agricultura e Pecuária de Mato Grosso, e CNA, Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil, ela é uma entusiasta do papel fundamental da mulher na comunicação do setor. “Quando a gente fala em agronegócio, as pessoas falam em recorde de exportação, em recorde de produtividade, recorde de PIB, mas pouco se fala de pessoas. Das pessoas que construíram esse agro, aquelas que aceitaram o desafio de mudar o modelo de produção que, para muitos, era inviável.”

Rosemeire sabe que a história de um setor produtivo é feita por muitas famílias e que a mulher sempre esteve presente no sucesso do gigante que se tornou o agronegócio brasileiro. “Na minha opinião, a mulher tem uma visão mais holística da gestão. Ela está preocupada não só com a produtividade e os preços no mercado, mas também com a sustentabilidade, com a gestão de recursos humanos, com o uso sustentável dos recursos dentro da fazenda e com a imagem do agronegócio.”

Para ela, as mulheres enxergam o setor de outra forma, de um jeito mais humano. Ou seja, elas se comunicam melhor com a sociedade.

O acesso à informação coloca as mulheres num papel de confiança e pertencimento do setor. E essa percepção das líderes sobre a importância de seu papel dentro dos negócios faz com que elas queiram, cada vez mais, estarem em ambientes que reconheçam a importância feminina para o agronegócio. “Nós já percebemos que existem nas empresas mais pedidos de capacitação de equipes para atender essas mulheres, mudanças dos perfis dos estandes, das feiras, então a transformação está efetivamente acontecendo.”

A Academia de Liderança para Mulheres do Agronegócio não exige que as alunas tenham curso superior, o que facilita o acesso ao conhecimento. Para os próximos anos, a Corteva pretende continuar estimulando um crescimento planejado da ALMA, promovendo uma didática atual, uma maneira de despertar nas mulheres do agro a vontade de continuar estudando e disseminando o poder feminino nas propriedades rurais. “Eu enxergo a ALMA crescendo, mas de uma forma sustentável. Trazendo novas mulheres, trazendo novos temas, porque o agronegócio é bastante dinâmico, então as necessidades vão mudando com o tempo.”

A fundadora da ALMA enxerga o futuro do projeto se consolidando como um ponto de conexão dessas produtoras. Esse processo acontece de forma orgânica. “Eu acho que nós nunca planejamos crescer 10%, 15% ou 30% ao ano, mas a gente sempre se preocupou em trazer para essas mulheres temas de interesse para ajudá-las naquilo que estão precisando no momento.”

Assim como todos os agentes que contribuem para o aprimoramento da Academia de Liderança para Mulheres do Agronegócio, ela acredita que a pavimentação para um futuro de mais inclusão, e mais condições de igualdade das mulheres no agro e na sociedade, é um trabalho contínuo. “Quando a gente vê essa transformação da mulher que não se julgava como produtora e hoje ela se vê como uma agricultora que sabe se posicionar, entende o agronegócio, sabe os pontos que são importantes e consegue se comunicar, isso é uma transformação bastante grande.”

A semente foi plantada e precisa de solo fértil e saudável e de dedicação para florescer. “Se o agro vai ter uma transformação nos próximos 20 anos, será uma transformação de pessoas. As mulheres educam a sociedade. Nós educamos os filhos, os levamos para a escola, conversamos com outras mães, então eu acho que a transformação está na mulher.”



Equipe Corteva na Jornada ALMA 2023

Depoimento de **Gislaine Balbinot,**

diretora executiva da ABAG (Associação Brasileira do Agronegócio) e personalidade determinante para o engajamento e entusiasmo das mulheres que procuram a ALMA.



“A ALMA é um marco porque as mulheres nunca terminam o curso da mesma maneira que começaram. Elas saem dali transformadas. Além de trazerem amigas e muitas outras mulheres para o projeto, elas têm o poder de multiplicar esse conhecimento.”

Quando pouco se falava da liderança feminina no agronegócio, Gislaine Balbinot já fazia a diferença. A jornalista com experiência em televisão e assessoria de imprensa entrou para a ABAG (Associação Brasileira do Agronegócio) em 2009 e, desde então, participa ativamente da curadoria de projetos voltados para a expansão e o reconhecimento da importância do setor na segurança alimentar do mundo.

Ao longo dos últimos 15 anos, Gislaine participou também de pesquisas que revelaram

à sociedade a realidade, de tempos em tempos, vivida pelo agro brasileiro. E foi em um desses levantamentos, o *Perfil da Mulher do Agronegócio Brasileiro*, encomendada em 2016 pelo Sr. Aloísio Farias, do Transamerica Expo Center, que ela viu uma verdadeira janela de oportunidades se abrir para mudar a realidade das mulheres no campo.

A pesquisa de 2016 deu origem ao Congresso Nacional das Mulheres do Agro - CNMA. “Esperávamos reunir no Transamerica 300 mulheres, acabamos reunindo 700. Acho que naquele primeiro congresso é que começou um movimento, ainda tímido, delas tentando fazer essas reuniões regionais, e realmente percebeu-se uma lacuna, pois faltava conteúdo para aquilo que a mulher do agro queria.” comenta Gislaine.

Foi realizada uma nova pesquisa sobre o perfil da mulher no agronegócio pela própria ABAG em 2017. Com dados mais aprimora-

dos sobre a realidade da mulher que atuava no agro, começou então um movimento para destacar as poucas lideranças que apareciam no setor na época. O início de um trabalho que não parou mais. “Na pesquisa de 2017, a gente identificou como elas eram ligadas em tecnologia, como adquiriam conhecimento, como gostavam de estudar e que, inclusive, estudavam mais do que os homens, questões a respeito de gestão da propriedade, de sucessão familiar, temas que eram muito relevantes para elas, mas que não tinham foco dirigido para mulheres.”

A experiência da ABAG e de Gislaine na curadoria de projetos que evidenciam a importância do agro, se uniu aos esforços da Corteva. “Em 2017, fomos convidados para fazer o Prêmio Mulheres do Agro e, em seguida, tivemos essa parceria com a Corteva para iniciar a ALMA, um projeto que nos dá muita satisfação de fazer parte porque percebemos a transformação dessas mulheres, a autoestima, a confiança que elas conseguem adquirir.”

Ao longo desses 5 anos de parceria com a ALMA, Gislaine tem acompanhado de perto como o conhecimento transforma e como a Academia promove e fortalece a colaboração entre as alunas. “A ALMA não é só a transmissão de conhecimento, ela representa uma troca muito forte entre mulheres. A ideia da Corteva foi ótima porque eles realmente viram o potencial que o projeto tinha em ser transformador na vida de tantas mulheres.”

Gislaine conta que após a primeira turma a pandemia assustou, mas não parou as alu-

nas. Com engajamento e vontade de fazer dar certo, o alcance das aulas ampliou os horizontes da iniciativa. “Lá trás, eu imaginei um projeto com, no máximo, 30, 40 mulheres por ano, uma coisa bem menor. Eu acho que a pandemia trouxe toda essa dor que a gente carrega até hoje. Foi um período muito triste da nossa história, mas trouxe essas soluções de tecnologia para a gente continuar comunicando.”

Ela lembra que o grupo não desanimou frente às limitações da pandemia e num momento difícil da história, a ALMA buscou a luz através da comunicação. “A ALMA é um marco porque elas nunca terminam o curso da mesma maneira que começaram. Elas saem dali transformadas. Além de trazerem amigas e muitas outras mulheres para o projeto, elas têm o poder de multiplicar esse conhecimento.”

Sobre a parceria com a FIA, a diretora executiva da ABAG relembra que foi mais um encontro que deu certo. “A parceria com a FIA Business School vem sendo um espetáculo, um sucesso. É uma equipe muito engajada, que trabalha duro, que se dedica ao projeto o tempo todo. E isso dá uma tranquilidade muito grande para a gente, o conteúdo está sendo muito apurado.”

Gislaine lembra que nestes anos de ALMA, poucas mulheres desistiram da Academia e muitas acabam fazendo novamente, porque realmente percebem o valor da iniciativa. “Valores que estão empíricos ali, dentro desse processo todo. Não é só aula, ou falar de ESG, de gestão, tem muito mais que o pro-

grama carrega. Exige um engajamento forte, elas precisam realmente se dedicar às aulas e aos projetos e o fazem com sorriso no rosto.”

Em 2024 foram cerca de 180 mulheres inscritas na Academia de Liderança para Mulheres do Agronegócio. Uma transformação que enche a Diretora da ABAG de orgulho. “A pandemia obrigou que as aulas fossem *online*, mas também trouxe essa possibilidade de romper fronteiras, possibilitou que mulheres do Brasil inteiro e até do Paraguai participassem. É uma parceria muito fluida.”

Sobre as decisões da Academia, agenda, propostas, mudança nos temas, Gislaine conta que elas acontecem em conjunto. “Normalmente, a ABAG traz algumas ideias, de novas palestras, de agregar alguns elementos diferentes. Já a Corteva fica muito envolvida com todas as decisões do curso, é ela que financia o projeto e participa de absolutamente tudo. A FIA Business School cuida de toda a parte de conteúdo e do relacionamento com as alunas.”

Além da virada de chave para as aulas híbridas, a preparação dos cursos, voltados inteiramente à realidade das produtoras, contribui para a alta adesão e permanência dessas alunas na Academia. “O projeto desponta muitas líderes. São muitas, em várias áreas, em vários setores, em várias cadeias produtivas. A gente percebe como ele trouxe esse engajamento, essa garra delas de transformar a própria vida, mas também de trazer essa luz para outras mulheres.”

A Diretora da ABAG conta que normalmente, as novas alunas da academia chegam incen-

tivadas por veteranas. “Elas puxam as outras, elas incentivam, indicam outras mulheres e assim o projeto toma um corpo muito grande. Essas aulas *online* acabaram facilitando muito a disseminação de conhecimento. E o interessante da ALMA é que ela não se limita ao grau de conhecimento de cada uma. Não tem nenhuma discriminação. É só a disposição delas de querer participar. Acho isso fantástico!”

E com tanta troca sobre rotinas, dificuldades e histórias, muitas dignas de roteiro de novela, Gislaine tem certeza de que essa rede vem transformando o dia a dia das fazendas Brasil afora. “Falando de temas, por exemplo, para as mulheres que têm as aulas sobre sucessão familiar com certeza essa sucessão vai ser muito mais tranquila do que para outras que não estão preparadas para esse processo. E a mulher tem muito esse olhar, essa preocupação, porque geralmente é ela quem faz essa mediação entre pais e filhos, o que não é uma tarefa fácil.”

Apesar do sucesso desses 5 anos de ALMA, Gislaine chama a atenção para a necessidade de orientação constante sobre o papel e a capacidade da mulher nos negócios. Em um país continental e diverso como o Brasil, lutar pelo pertencimento da mulher em cargos do agro é uma luta diária. “Estou participando de uma consulta do IBGE e apresentei essa questão de quantas mulheres hoje estão em posição de liderança nas propriedades rurais. E eles relataram que, às vezes, quando o recenseador chega às propriedades o marido recebe e a mulher fica do lado, mas ela não fala nada.”

Nos 15 anos atuando na Associação Brasileira do Agronegócio, a ABAG, Gislaine observa que muitas vezes, é a mulher quem cuida do administrativo, da compra, de uma série de coisas dentro do processo decisório do negócio, mas nem sempre ela se posiciona ou pode se posicionar. “Os recenseadores acabam entendendo que o homem é o proprietário e a mulher está lá só ajudando. Isso deixa claro como ainda é difícil fazer essa separação e dizer com certeza quantas mulheres estão hoje à frente das propriedades no Brasil. Temos um número aproximado, mas longe de ser o real.”

Também está nos planos da ABAG uma nova pesquisa para saber como, e o quanto mudou, na participação das mulheres na liderança dos negócios da família nos últimos oito anos. “Nós já pensamos em fazer um novo levantamento, até para auxiliar todos esses projetos que já estão em curso, e ver os caminhos porque eles vão amadurecendo. Eu acho que nós vamos encontrar um cenário bem diferente.”

Gislaine revela que várias feiras, inclusive a Agrishow, tem se movimentado para atender os interesses das mulheres. “Você vê as mudanças da participação da mulher, porque essa era uma feira predominantemente masculina. As mulheres que participavam da Agrishow iam pelas empresas para trabalhar, mas não para visitar, ter reuniões, aprender. Hoje você já vê um número muito grande de mulheres. A gente já vê a transformação acontecendo.”

Ela destaca que o próprio Congresso das Mulheres é um ótimo exemplo dessa presença

maior das mulheres em diferentes espaços do agro. “Saímos de 700 em 2017, para 3.300 mulheres em 2023. Uma demonstração muito clara do quanto elas estão envolvidas nesse processo de desenvolvimento.

A pesquisa da ABAG sobre o perfil da mulher no agronegócio ainda está em desenvolvimento. Gislaine acredita que os resultados desse novo levantamento, além de trazer uma visão mais atual sobre a liderança feminina, deve impactar os próximos cursos da ALMA. “Esses temas vão amadurecendo e elas terão exigência de conteúdos mais sofisticados, porque o aprendizado é constante. Agora a gente já pode falar de crédito de carbono, da agenda do clima, de COP, de biometano, de biogás, de planejamento financeiro.”

Gislaine adianta que a mulher do agro também é protagonista do planejamento de comunicação da Associação Brasileira do Agronegócio nos próximos anos. A imagem da força, da resiliência e da sabedoria femini-



Gislaine Balbinot na abertura da Jornada Alma 2022

na deve estampar novas ações que buscam comunicar melhor o setor. “Nós trabalhamos hoje em quatro pilares: união, legitimidade, inovação e mulher. A mulher é a voz. A mulher quebra possíveis resistências. Ela tem um olhar muito mais amoroso com a questão da produção de alimentos. A terra é um elemento feminino. A questão do alimento, de a mulher prepará-lo para a própria família, de fazer isso por quem ela ama, é uma composição muito amorosa.”

A diretora executiva da ABAG aposta que a figura feminina quebra essa resistência da cidade com o agro. “Conseguimos passar as nossas mensagens e narrativas com mais facilidade porque a mulher conversa de igual para igual com a pessoa na cidade que não tem nenhum envolvimento com esse setor. Uma maneira diferente de dizer o quanto o agro é significativo e importante para o nosso dia a dia, porque ele está em tudo. A mulher pode mostrar todos esses elementos positivos desse negócio que é uma vocação brasileira.”

Gislaine relembra com carinho quando, em 2019, a turma das veteranas, as primeiras 20 mulheres que formaram a academia, quiseram batizar o projeto. Um substantivo feminino, atemporal e que tem tudo a ver com a revolução que elas têm feito desde então. “Elas deram o nome da academia de ALMA, o que transmite toda a força desse projeto. Realmente, elas entram de corpo e alma, imbuídas num processo de transformação. A proposta tem ido muito além da busca de conhecimento, mas é realmente uma reafirmação de postura, de autoestima, de conexões, de querer transformar o que elas fazem hoje.”

E as histórias nesses 5 anos de ALMA são muitas e na maioria das vezes, surpreendentes. “Tem história de produtoras que herdaram as propriedades no susto, tiveram que começar do zero e hoje estão dando resultados muito melhores do que tinham no passado. É muita dedicação, é muita raça. O projeto é realmente a alma feminina da força da mulher, da persistência, da resiliência, de vencer muitas vezes o desafio de não ter a força física do homem, mas ter a força mental, de acreditar num sexto sentido, de seguir aquela intuição feminina.”

Iniciado esse ciclo de transformações, a aposta agora é em um engajamento, cada vez mais intenso, da mulher e das famílias do agronegócio brasileiro nas agendas necessárias para o futuro das gerações. “A mulher está sempre muito preocupada com a questão da sustentabilidade, do bem-estar animal, da parte social. A mulher precisa que todo mundo esteja bem para que ela esteja bem.”

Gislaine finaliza lembrando que o cuidado das mulheres com os problemas do setor devem ser o motor para grandes mudanças que estão vindo por aí. “O cuidado delas vai além da família, pois ela está muito mais atenta a todas essas questões que são fundamentais para o bem-estar de todos. Acho que a grande mudança, a grande transformação que a gente vê no agro, é graças à gente persistente. Hoje falamos muito de agricultura regenerativa, mas eu acho que a gente tem hoje também pessoas regenerativas, que partem de algo que parece que não vai funcionar, e de repente renasce.”

Depoimento dos
professores
**Cláudio Pinheiro
Machado Filho,
Camila Mourad e
Christiane Leles,**

coordenadores do Pensa/FIA Business School e responsáveis pela curadoria e realização da Academia de Liderança para Mulheres do Agronegócio, a ALMA.



“Mudanças sociais e culturais são necessárias, mas são muito lentas. Programas como a ALMA aceleram essas mudanças, pois preenchem as lacunas no conhecimento e incentivam o protagonismo das mulheres no agro.”

Christiane Leles

Antes de contar sobre o envolvimento do PENSA/FIA Business School na proposta pedagógica, elaborada exclusivamente para as alunas da Academia de Liderança para Mulheres do Agronegócio, é preciso voltar 34 anos para entender como o Centro de Conhecimento em Agronegócio da FIA

Business School evoluiu nas linhas de pesquisa e pensamento sobre o papel das mulheres no agronegócio brasileiro.

O Pensa foi fundado em 1990 pelos professores Decio Zylbersztajn e Elizabeth Farina como um programa de pesquisa na USP. O grupo de estudos foi pioneiro ao trazer o conceito de *agribusiness*, desenvolvido na Universidade Harvard para o Brasil. Foram dezenas de dissertações de mestrado e teses de doutorado produzidas pelos alunos de pós-graduação nesse ambiente de pesquisas acadêmicas voltadas para o agro.

Cláudio Pinheiro Machado Filho está envolvido com o programa PENSA praticamente desde o início e relata sua experiência com o convívio diário no ambiente acadêmico.

“O próximo passo para avançar na pauta da liderança feminina é incluir os homens nessa discussão.”

Camila Mourad

“Essa experiência para mim foi muito rica, de trabalhar com o Decio e a Beth. Era uma liderança tão natural que não existia uma divisão de gênero. Do ponto de vista de preparo intelectual, eles se assemelhavam muito. Personalidades diferentes, claro, mas o respeito que todos os alunos tinham com os dois era muito autêntico.”

Com o passar dos anos e com a observação dos pesquisadores às temáticas que envolviam a atuação da mulher na pesquisa em todas as cadeias ligadas ao agro, o professor conta que o debate ganhou engajamento. “No início do Pensa, a liderança feminina não era um tema de pesquisa. Nos estudos de casos e na literatura com a qual a gente tinha contato, não existia nenhum tratamento específico de gênero. O olhar especial para a mulher do campo no Pensa não surgiu de uma forma estratégica, não foi algo que a gente tenha preparado.”

O professor conta que a ALMA foi um dos projetos importantes que geraram massa crítica dentro do grupo, trazendo mais mulheres para fazerem parte dessa iniciativa, como conteudistas, professoras e alunas. “Essas mulheres estão criando todo esse ecossistema, de mulheres líderes, e isso acabou se tornando uma linha que hoje o Pensa tem e, atualmente, está no nosso planejamento,

como um tema importante para avançarmos daqui para frente.”

A engenheira agrônoma Christiane Leles chegou ao PENZA em 1998 para estudar e conhecer mais sobre o tema dos agronegócios. Escolheu a área de negócios durante a faculdade de Agronomia muito em virtude da dificuldade de conseguir estágio na parte técnica, pois o mercado para as mulheres era ainda mais resistente que hoje. “Para minha surpresa, descobri que as empresas não contratavam alunas como estagiárias. Alegavam que o custo seria mais alto, pois viagens são comuns e teriam que colocar as mulheres em quartos individuais. Era mais barato se o profissional fosse homem. Fiquei na época muito incomodada e resolvi seguir para a parte de negócios, felizmente para mim, pois foi aí que descobri o PENZA.”

A professora lembra que estimativas indicam que hoje, no Brasil, se formam mais agrônomas do que agrônomos, mas no campo, a percepção comum é que um pequeno percentual atua na parte técnica. “A maior parte das mulheres segue outras áreas, por exemplo, pesquisa e negócios. Hoje observamos empresas com metas para inclusão de mulheres no campo, mas ainda temos barreiras.”

Já a professora Camila Mourad é de uma geração mais jovem de pesquisadoras e professoras no PENZA/FIA. Com olhar crítico, adotou como um de seus objetivos pessoais contribuir para diminuir o desequilíbrio de gênero nas organizações. “Essa é uma questão que sempre me tocou muito do ponto de vista pessoal porque eu tive uma educa-

ção feminista no sentido de que mulheres e homens são igualmente capazes e competentes, mas quando cheguei ao mercado de trabalho percebi que as oportunidades não são as mesmas para ambos.” Embora sempre tenha tido um olhar atento para a questão de gênero no ambiente de trabalho, a professora só teve a oportunidade de trabalhar com este tema recentemente, quando começou a pensar a ALMA. “A partir daí, comecei a colocar na pauta a ampliação do nosso corpo docente feminino. E este foi um dos nossos desafios, pois ainda é difícil encontrar mulheres professoras em algumas temáticas do agronegócio.”

Quando as professoras Christiane e Camila começaram a compor o corpo docente da ALMA, optaram por tê-lo de maioria feminina, como uma forma de gerar um ambiente onde as alunas pudessem ter referências próximas a elas. “A gente também não queria ter uma obrigatoriedade de ser 100% feminino, até porque as próprias alunas não têm problemas em ter aulas com homens”, lembra Camila.

“A medida do sucesso da ALMA será se daqui dez, quinze anos, a gente não precisar mais ter programas segmentados como esse. O programa terá cumprido sua missão.”

Cláudio Pinheiro Machado Filho

Foi então que se depararam com uma dificuldade bastante comum na formação de cursos voltados às mulheres. Camila relembra que “O primeiro ano foi muito desafiador porque a gente tinha que começar o curso rapidamente, e não tínhamos referências de professoras mulheres para aqueles temas. E aí, conversando com a professora Raquel Soares, que hoje está à frente do nosso módulo de Liderança Feminina na Governança e Gestão do Agro na ALMA, questionei: o que a gente faz nessas situações? E ela disse: ‘Pergunte para outras mulheres, pois quem indica mulher é outra mulher.’”

Em busca de professoras capacitadas, Camila e Christiane começaram o trabalho de identificar essas profissionais, o que fez com que aumentasse a base de professoras no PENSA, tanto para este quanto para outros projetos. “Quantas vezes a gente não vai a eventos do agro ou até eventos acadêmicos em que quem está lá na frente é um homem e a plateia está cheia de mulheres? As mulheres estão muitas vezes abertas a se informarem, mas não são ouvidas e têm receio de se expor, de ir lá na frente e serem julgadas”, alerta Camila.

Atualmente, a maioria do corpo docente da ALMA é formada por mulheres, mas essa conquista não foi nada fácil. Outra preocupação foi a de formar um grupo composto por mulheres para realizar a tutoria e a gestão tática da Academia de maneira que as participantes se sentissem à vontade para debater os desafios femininos no agro. “A Lizandra Castro é nosso braço direito e faz a gestão das tutoras, garantindo que as alunas se sintam acolhidas.

A Vanessa Santiago também faz parte do nosso grupo tático e despende uma atenção especial às alunas da ALMA”, comenta Camila.

Antes de esse trio receber o desafio da Corteva, um outro projeto em especial encadeou o sucesso e a *expertise* com iniciativas voltadas à liderança feminina. Em 2021, o Pensa executou a pesquisa sobre desequilíbrio de gênero no agronegócio do café, a qual fez parte da Universidade do Café, projeto realizado para a illycaffè de 2000 a 2022. “Participei diretamente dessa pesquisa de 2021 e para mim foi um divisor de águas. Até então, não sei se por causa do ambiente do Pensa, muito inclusivo, eu não tinha essa percepção sobre os impactos negativos do desequilíbrio de gênero no agro. A pesquisa revelou que as produtoras rurais têm menos acesso à informação, à tecnologia e a financiamento. Claramente isto reduz o valor gerado na produção e toda a sociedade perde. Aliás, esta foi a motivação inicial da Corteva e da ABAG para a criação da ALMA: abrir um canal a mais de conhecimento.” Christiane conta.

Para Cláudio, a experiência com a pesquisa sobre desequilíbrio de gênero trouxe ao Pensa uma reflexão sobre o tema, que já era tratado com atenção por outros países. “Foi um projeto bem importante. Veio essa demanda de uma grande empresa, que estava inserida neste movimento da Europa. Depois, com o projeto ALMA, realmente se criou uma massa crítica para isso se tornar uma linha de pesquisa dentro do Pensa.”

Quando a Corteva procurou o Pensa/FIA Business School para a parceria, que se ini-

ciou efetivamente em 2022, a empresa sabia o que queria. Um corpo docente que entendia as necessidades das alunas, mas que provocasse a curiosidade e respeitasse o perfil e a autonomia de cada uma delas.

Camila relembra que o objetivo central da ALMA é capacitar mulheres para que elas se sintam mais seguras para assumirem posições nos seus negócios. Pensando nisso, o programa inicia com uma base de gestão de agronegócios para as alunas se situarem em qual elo da cadeia estão, entenderem que fazem parte de um sistema maior e que isso tem implicações, pois são cadeias de valor globais. “Na sequência, elas têm inovação no agro, marketing digital, liderança e engajamento institucional e ações coletivas.”

Os cursos da ALMA são anuais, de abril a outubro, com aulas quinzenais *online* e um evento presencial ao final do curso. Além disso, as alunas do curso de liderança desenvolvem um projeto de engajamento em grupos com plano de ação e implantação sobre um problema ou oportunidade identificada no agro local ou nacional. Além da escolha do corpo docente e das temáticas, o Pensa/FIA Business School tem uma atenção especial com o relacionamento com alunas, pois existe um contato próximo que permite a troca de experiências e dá início a muitas amizades. “Ao final do curso e da apresentação dos projetos, é muito interessante ver como as alunas frequentemente mencionam que passaram a se considerar parte deste sistema realmente como agentes de transformação, mudando o agronegócio da sua região e envolvendo cada vez mais outras produtoras, amigas e familiares”, explica Christiane.

Para Cláudio, a ALMA e outros projetos que têm exaltado as potencialidades da mulher atuam hoje como divisores de águas para uma mudança de paradigma que já começou. “Essa iniciativa abriu novos horizontes para muitas mulheres que se viam como ‘esposas de produtores’ e não sócias no negócio.”

Cláudio acredita também que, além de ações como a ALMA, de engajamento, acontece em paralelo um processo natural que é o fenômeno da mulher cada vez mais inserida no mercado de trabalho. “Se a gente fizer um recorte e olhar dez, quinze anos para frente, eu vejo que é inevitável que essa tendência de mais equilíbrio se torne uma realidade.”

Esse maior equilíbrio de oportunidades tem feito as alunas da ALMA demonstrarem o desejo de continuar essa jornada por um lugar diferente no seu negócio, na sua comunidade, em outros espaços no setor. Quase todas as alunas têm permanecido na academia para outras experiências e essa escolha não tem a ver apenas com conhecimento. “A gente sempre ouve as temáticas que elas demandam, o que querem aprender, mas eu acho que, tão importante quanto o conhecimento, é elas se manterem engajadas na rede de relacionamento. Na ALMA, elas podem trocar experiências com outras mulheres que vivenciam desafios semelhantes e podem contar como os superaram”, afirma Camila.

Além do conhecimento e engajamento, Christiane aponta uma característica da academia de não exigir curso superior para o ingresso como fundamental para a diversi-

dade dos grupos. “As aulas são pensadas de forma que todas as alunas acompanhem o conteúdo, independentemente de sua formação. A ALMA veio para envolver, levar conhecimento para produtoras rurais sem a barreira de ter que ter uma graduação.”

O grupo de coordenadores enfatiza que o sucesso da ALMA é resultado de uma sintonia muito fina que eles têm com a Corteva, representada por Rosemeire dos Santos e Denise Salvatti, e com a ABAG, na figura da Gislaine Balbinot e do João Mauro Uchôa, em que as decisões são compartilhadas e cada organização contribui com a sua visão e *expertise*. “Essa combinação de empresa privada, entidade de representação e instituição de ensino é muito poderosa para provocar mudanças na sociedade”, afirma Christiane.

O reconhecimento do potencial feminino no agro muda realidades fora de ambientes acadêmicos. Cláudio, além de atuar como pesquisador e professor, acompanha também esse movimento na iniciativa privada. “Acho que essa presença mais forte da mulher no mercado de trabalho e em cargos de liderança tem mudado muitas coisas. Até em áreas tipicamente dominadas por homens, como os RTVS (representantes técnicos de vendas), as mulheres passam a atuar com mais naturalidade. Muitas vezes, com mais dedicação e foco.”

Camila ressalta que outro aspecto debatido e estimulado pelo corpo docente da ALMA é o potencial da mulher em agendas coletivas do agronegócio. “Algo que a gente gostaria muito de ver daqui a algum tempo é

que produtoras que passaram pela ALMA estejam mais engajadas em ações coletivas e ocupando mais espaço em conselhos de cooperativas e diretorias de associações. Se conseguirmos isso, será muito legal, uma recompensa.”

Já Christiane atenta para o fato de que a mudança que vamos viver daqui para frente é construída agora e que só é necessário acertar o passo para definir se ela será lenta ou acelerada. “Mudanças sociais e culturais são necessárias, mas são muito lentas. Mudanças implementadas a partir de estratégias de empresas acontecem de forma muito mais rápida. Programas como a ALMA aceleram essas mudanças, pois preenchem as lacunas no conhecimento e incentivam o protagonismo das mulheres no agro.

Cláudio aposta que o impacto da ALMA nas mudanças em todos os setores da cadeia produtiva deve ser mensurado com o passar dos anos e que o objetivo de iniciativas de estímulo ao papel feminino no setor só será alcançado quando projetos como esse não se fizerem mais necessários. “Seria fantástico a gente conseguir mensurar no futuro o impacto da ALMA nas novas gerações das famílias dessas mulheres. As filhas delas que já crescem em outro ambiente cultural, que já veem as mães como líderes.”

O professor confia que a medida do sucesso da ALMA será vista daqui dez, quinze anos, quando a sociedade não precisar mais ter programas como esse. Não será “Academia de Liderança para Mulheres do Agronegócio e sim Academia de Liderança do Agro, pon-

to. Porque a equidade será algo tão incorporado dentro das organizações, da sociedade, que não terá mais sentido em se falar de curso para homem ou mulher.”

Apesar da confiança nos bons frutos da ALMA, Camila relembra que estamos vivendo a construção de um novo modelo e que estímulos ao pensamento sobre o assunto precisam ser constantes. “É algo sobre o qual venho refletindo muito: o quanto nós, como indivíduos, estamos contribuindo com essa transformação. Tanto com a ALMA como também trazendo essa pauta ao nosso grupo de pesquisa. Temos agora este livro, estamos escrevendo um capítulo de um livro sobre grupos de mulheres no agronegócio, então, o quanto isso está se transformando realmente numa linha de pesquisa para trazer mais dados e mais discussões.”

Christiane reforça que a igualdade é o grande orientador da linha de pensamento da Academia. “Queremos reduzir o desequilíbrio. Nosso objetivo é igualar oportunidades de acesso ao conhecimento e desenvolver competências de liderança e de gestão.”

Cláudio celebra a sinergia com os pensamentos das professoras e mulheres diariamente e as decisões sobre o futuro da Academia de Liderança para Mulheres do Agronegócio. Além de opinar, debater e aceitar pensamentos diversos, ele confessa que nem sempre foi assim. “Sendo muito sincero, há quatro, cinco anos, eu não via muita necessidade de programas assim. Porque para mim era tão natural, talvez pela minha formação, pela minha experiência profissional no am-

biente em que convivi, onde nunca tinham situações de machismo, uma ou outra isolada, mas acabei entendendo e me convencendo de que é importante sim ter esses fatores impulsionadores porque a sociedade é muito heterogênea, desde pessoas que aceitam isso com uma tremenda naturalidade, mas também ainda há famílias e mulheres que vivem realidades muito desafiadoras.

Com o depoimento franco do professor Cláudio, Camila encerra refletindo sobre o papel do homem na conquista de um agro

com um equilíbrio efetivo de gêneros. “O próximo passo para o programa para mulheres de uma forma geral, sobre liderança feminina, é incluir os homens nesta discussão. Esse depoimento do professor Cláudio mostra a diferença que fez ele ser incluído no programa para entender a sua importância. E quando falamos dos grupos, sempre nos referimos a mulheres com mulheres, mas precisamos mudar também a mentalidade dos homens. O próximo passo é trazer os homens para essa discussão. Não se trata de nós contra eles, mas de direitos e condições equânimes.”



Equipe FIA
Business School
de professoras
e monitoras na
Jornada Alma

A essência da ALMA

Este terceiro capítulo de *ALMA: substantivo feminino* convida você a conhecer a essência da Academia de Liderança para Mulheres do Agronegócio: as alunas, mulheres que construíram e constroem a jornada do projeto. As histórias e personalidades que são a alma desta iniciativa.

A coordenação da ALMA teve a difícil missão de escolher cinco nomes para representar a diversidade e a sinergia das turmas que tanto orgulham coordenadores, professores e idealizadores.



Jornada Alma 2022

Durante algumas semanas, trabalhamos na marcação das entrevistas, execução e escrita dos relatos. Fomos fiéis aos depoimentos, que mostram como a ALMA mudou trajetórias nos negócios e na vida social e coletiva das alunas.

Nas próximas páginas, você vai conhecer a história da Hilda, que superou uma perda e encontrou motivação em sua vocação como agrônoma para construir uma sociedade com os irmãos. Ouvimos também o depoimento da Simoni, que também se apaixonou pela agricultura a partir de um luto, e hoje, além de liderar diversas atividades no campo, representa mulheres em cooperativas. Nós nos preocupamos em ouvir uma aluna que não ingressou na agricultura por meio da herança geracional. Kedjane é educadora física, mas com persistência se tornou produtora rural e aluna de liderança feminina da ALMA. Contamos também a história de Marisa, a farmacêutica que se reencontrou com o café e transformou a história de mais de 5 mil produtoras pelo país. Por fim, você conhecerá um pouco da história de vida de Jucineia, a cuiabana que comprou o sonho do marido e hoje se divide entre fazendas, novos aprendizados e representatividade feminina no agronegócio. Aproveite!

Depoimento de **Hilda Andrea Loschi,**

produtora rural de Minas Gerais, integrante da turma número 1 da ALMA, e ativa na representatividade e defesa dos interesses das mulheres do agro.



“Do mesmo jeito que fui qualificada e me tornei uma pessoa apta a falar pelas e para as mulheres, sinto a responsabilidade de fazer isso por outras produtoras.”

Hilda é uma daquelas pessoas que, quando começa a falar, prende a atenção. De fala mansa e firme, a descendente de italianos nasceu numa família de produtores de flores e frutas, gente que arregaçou as mangas em terras brasileiras para fazer história na agricultura. “Minha família está inserida na história da floricultura de Barbacena. Meus avós e meus tios-avós organizaram uma cooperativa de floricultores e por muito tempo eles fizeram esse trabalho. E eles também trouxeram as frutas de caroço, que é a realidade da região hoje. Barbacena produz muita fruta de caroço e tudo trazido por esse pessoal, essa colonização italiana.”

A maior inspiração de força e superação veio da mãe e das avós, que desde o passado, assim como ela, se desdobravam para cuidar da casa, dos filhos, dos animais e da terra. “Nós fomos uma família de italianos. Naquele recorte de sociedade, as mulheres eram parte integrante da agricultura, não era só fazer bolo e ficar dentro de casa cuidando de filho. A horta, os animais eram por conta das mulheres, então sempre a gente teve esse desenho de mulheres fortes, mulheres que trabalhavam vinculadas à produção.

As mulheres da família de Hilda sempre trabalharam na agricultura familiar. Na época, uma configuração muito comum, mas sem remuneração “Minha mãe, as minhas avós, viveram desse modelo. E uma das coisas que incomodava muito a minha mãe era a questão de ela nunca ter tido acesso à educação. Ela cursou até o terceiro ano primário e falava muito que a única coisa que queria era que os filhos estudassem para que nós tivéssemos independência financeira.”

Hilda seguiu os conselhos da mãe e não se arrependeu “Minha mãe nos empurrou para esse caminho, e sempre me incentivou a fazer tudo. Mesmo que eu falasse que não ia precisar, ela dizia: ‘Minha filha, saber não ocupa espaço. Aprenda, uma hora vai te servir.’ Da mesma forma que ensinava as coisas básicas, ela exigia e incentivava a nossa formação acadêmica.”

Um empurrão daqueles. Aos 18 anos, Hilda Andrea entrou para a faculdade de Agronomia, na Universidade Federal de Viçosa, e descobriu a vocação e o amor. Com Alfeu, o marido que conheceu na faculdade, se mudou para o Norte de Minas para começar a vida de produtores rurais e criar os filhos. “Chegamos ao Norte de Minas em 1988, e em 1993 meu marido faleceu. Aí um irmão meu saiu de Barbacena e veio para me dar apoio. Nessa ocasião, meus irmãos já estavam comprando terras no Norte de Minas Gerais para virem para cá.”

A perda precoce do marido, e o apoio que recebeu dos irmãos, aumentou a velocidade da transferência da família para o Norte de Minas. “Tínhamos outros problemas também, relacionados com a saúde de um dos nossos irmãos, e com tudo isso resolvemos nos juntar. Somos em quatro hoje, eu e mais três irmãos.”

Uma união que já dura décadas e gera frutos de tempos em tempos, literalmente. Grandes produtores de frutas, com propriedades em três cidades de Minas Gerais, os irmãos, terceira geração de produtores rurais, fazem história. “Começamos fazendo tudo em comum acordo. Temos uma estrutura em que

todos têm autonomia para fazer o que querem e delegamos a cada um fazer o melhor que pode, dar o melhor de si. Eu já tinha uma formação acadêmica maior que a deles, e isso gerou uma relação de confiança, e aí eu fui construindo mais conhecimento.”

Ainda no início da sociedade com os irmãos, Hilda precisou encontrar outra fonte de renda para criar os filhos. Começou aí a outra história, de uma outra Hilda, a Hilda que iria aprender a representar outras produtoras rurais. “Quando fiquei viúva, passei por uma fase de dificuldade financeira imensa. Tive um período de depressão muito grande. Para conseguir educar meus filhos, eu tive que começar a trabalhar fora, prestando serviços para outras pessoas. Fui trabalhar numa revenda.”

Na época, a legislação exigia a assinatura de responsáveis técnicos em revendas agrícolas e com o passar do tempo Hilda teve a oportunidade de montar um negócio próprio. “Nós montamos uma revenda, eu e um sócio que não era da família, paralelamente à sociedade com os irmãos. Fomos distribuidores da Corteva e o Responsável Técnico de Vendas - RTV me indicou para a ALMA.”

Antes de ingressar na ALMA, na turma piloto, em 2019, Hilda viveu a experiência de estar em outras poltronas além das de produtora e revendedora de produtos agrícolas. “Eu acho que fui beneficiada um pouco com a história de dar espaço para as mulheres. Então, precisava de diversidade no conselho e fui eu. É lógico que eu contribuía, mas se não houvesse essa questão da diversidade, será que a gente teria tido esse espaço? Pas-

sar por esse conselho foi positivo para mim e para as outras pessoas, e daí surgiu esse convite, conheci a ALMA e foi fantástico.”

Foi não, está sendo. Hilda integrou a primeira turma da Academia de Liderança para Mulheres do Agronegócio e não parou mais. 2024 está sendo o terceiro ano em que ela divide a rotina entre os negócios da família, a sucessão familiar com a sobrinha e o filho, trabalhos voluntários em entidades e núcleos de mulheres do agro, e as aulas quinzenais da ALMA. “Na primeira turma, *não tinha um tema específico, era uma academia de liderança* em que 20 mulheres do Brasil inteiro se juntaram. Havia representantes de vários segmentos, e eu entrei representando o segmento de frutas.”

Hilda lembra com carinho os primeiros encontros. “Nós não tínhamos na época a noção de que a ALMA atingiria a dimensão que atingiu hoje, tão desejada, procurada, com muitas pessoas querendo construir esse conhecimento. Lembro que tivemos quatro reuniões presenciais. No primeiro momento, a gente não se conhecia.”

O primeiro *módulo da turma* foi de economia ligada à agricultura; depois Hilda e as colegas tiveram aulas sobre *técnica de gestão* e inovação. Momentos que despertaram vocações que ela jamais imaginava ter. “Em Brasília, *nós fizemos um curso de representatividade, visitamos a CNA* (Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil) e outras entidades, e foi nessa ocasião em Brasília que eu tive o grande *start*.”

Foi no curso de representatividade na capital, que Hilda teve a noção do seu papel no setor e aonde poderia chegar. “Para mim, essa

agenda política despertou representatividade. A questão de a gente falar por mais pessoas, representar mais pessoas, organizar o segmento, ser representante de um segmento, representante qualificado, porque os dois primeiros módulos na minha opinião foram de qualificação, mas o de Brasília foi o despertar.”

Hoje a produtora dedica parte do seu tempo a estimular outras mulheres a buscarem segurança e posicionamento dentro dos negócios da família. “Na minha vida, a ALMA teve esse papel transformador. A Hilda deixou de ser apenas a Hilda indivíduo para começar a ser a Hilda agente de mudança do ambiente em que estiver. A ALMA me tornou capaz de aceitar convites de representação de classe.”

Atualmente Hilda tem agendas importantes no Sindicato de Produtores Rurais de Montes Claros. Uma maneira de disseminar o que aprende na ALMA a outras mulheres. “A ALMA me fez participar de comissão de mulheres porque do mesmo jeito que eu fui qualificada, e me tornei uma pessoa apta a falar para e pelas mulheres, eu sinto a responsabilidade de fazer isso com outras produtoras.”

A produtora compõe também a comissão de mulheres da FAEMG (Federação de Agricultura e Pecuária do Estado de Minas Gerais). “Lá nós tentamos desenhar um modelo em que a gente possa levar qualificação, dar condições a elas de fazerem o que querem fazer, e de poder dar segurança para essas mulheres de saírem do anonimato e tentarem, mesmo que seja num grupo social pequeno, serem representantes e agentes de mudanças nesses movimentos.”

Com essa história de tantas reviravoltas, Hilda sabe que ainda há um longo caminho a ser percorrido, mas que precisa ser constante e, por que não, leve?

“Em alguns lugares, a gente pode ir de peito aberto dizendo: eu sou mulher, estou fazendo a diferença. Em outros lugares, *não*. *Eu respeito muito esse ambiente de mulheres e proporciono a elas essa visão de que precisamos ir de uma forma leve para conseguirmos uma vitória que seja duradoura.*”

Para Hilda, a manutenção de núcleos de mulheres produtoras em todo país, geram não só renda e autoestima para elas, mas descontrolam um padrão antigo no setor. “Tentamos fazer com que a mulher possa estar segura, porque ainda tem bastante machismo. Eu não gosto muito de falar essa palavra, mas existe muita retaliação velada. E nessa resistência nós precisamos criar ambientes seguros, reuniões de mulheres, onde possamos realizar essa transformação de mulheres. O nosso objetivo é proporcionar às mulheres proteção e o aprendizado de outras coisas. A ter autonomia, a ter autoconhecimento, a ter segurança.”



Hilda na primeira turma da ALMA - 2019

Hilda, que se define como uma mulher que não concorda em parar, acredita que todas que buscam conhecimento conquistam os espaços em que merecem estar. “A ALMA também fez a Hilda despertar para representar o próprio negócio. Porque no momento em que eu consigo estar segura para pegar um microfone e falar em qualquer lugar, também posso representar bem o meu negócio.”

Hoje ela se considera mais preparada para representar a pecuária e a agricultura, de forma estratégica. “A ALMA é uma ação transformadora. O modelo que ela instituiu, dos módulos participativos, de incentivar as meninas a estudarem, a se qualificarem, está proporcionando a essas pessoas, a possibilidade de desenvolverem a segurança.”

E é claro que é impossível juntar tantas mulheres sem fazer grandes amizades. Hilda relembra com alegria outros encontros que a academia lhe deu de presente desde o início da ALMA em 2019. “Apesar de cada uma estar em um lugar, eu sei que se for para o Maranhão, poderei contar com a Cláudia. Se eu for para Primavera do Leste, no Mato Grosso, poderei contar com a Marinês. O que foi muito legal também é que, nessa primeira turma, tinha alunas de várias idades. *Não sei se isso foi proposital ou não, mas levou a gente a crescer, a entender as mais jovens, a entender as cadeias, entender os desejos. Nesse período, nós vivemos separações, vivemos perdas juntas e fomos convivendo com tudo isso ao longo das aulas.*”

Depoimento de **Simoni Tessaro Niehues,**

produtora rural desde os 12 anos, conselheira em duas Cooperativas, aluna pelo segundo ano da ALMA e o orgulho de Nicolly, a filha de 16 anos.



“Hoje, se você me perguntar, eu vou dizer que sou agricultora. Uma ‘colono-na’, como falo, e tenho muito orgulho.”

Em 1993, a menina Simoni viveu o ano mais desafiador da vida dela. Perdeu o pai, que faleceu com apenas 36 anos. Com a irmã e a mãe, lidou com o luto e com a necessidade de viver da agricultura, sem abrir mãos da terra da família. Quando elas assumiram a propriedade, herdaram dívidas, adquiridas no tratamento médico do pai. “Minha mãe falava que, se a gente vendesse a terra, não compraríamos outra. Não passamos fome porque a gente estava na agricultura.”

Dos 12 aos 17 anos, a jovem Simoni colocou em prática a vocação herdada dos antepassados. Da quarta geração de agricultores na cidade de Serranópolis do Iguaçu, extremo Oeste do Paraná, ela e a irmã viram os anos

passarem na rotina da pequena propriedade. “Tirava leite, ia para a roça, capinava, quebrava milho, tratava das vacas e, se surgia uma oportunidade, trabalhava de babá, limpava casa, fazia outros bicos também. Depois me casei. Meu marido também era “colono”. Foi nesse momento que começamos, primeiro com vaca de leite e fumo.”

Casada há 25 anos, Simoni fincou o pé na terra que era do pai. Hoje coleciona atividades no campo, está no conselho de duas cooperativas e é aluna da ALMA. Na propriedade, a família mantém um aviário, produção de soja, milho e tabaco, além de arrendar terras e prestar serviços com adubo orgânico. “Sempre tive vontade de tocar o meu negócio. Não me vejo fora disso. Eu gosto do meu aviário, me sinto bem lá dentro. Nós dividimos as tarefas. Trabalho com o aviário e meu marido cuida da parte das lavouras, da prestação de serviços.”

Além da lida no dia a dia da roça, Simoni enfrentou resistência para chegar aonde chegou. Ela conta que, principalmente nas cidades pequenas, a mulher que desempenha atividades no campo precisa se provar, para homens e outras mulheres também. “Ainda bem que está mudando, mas ainda existem preconceitos. E não é só preconceito por parte de homem. Acontece muito isto: de uma mulher ser agrônoma, de ir atender o cliente e a mulher do cliente ficar brava porque a engenheira é bonita. Da boca para fora, as mulheres se apoiam, mas na prática, às vezes, é muito diferente.”

Simoni acredita que nos dias atuais o preconceito com o desempenho da mulher na agricultura é menor, mas ainda existe. Por ser uma região de descendentes de alemães e italianos, a produtora enxerga essa resistência com o trabalho feminino nos cargos de liderança como uma herança cultural. “Quebrar esse paradigma é difícil. Quando a mulher começa a se destacar, não é bem-vista. Eu acredito que essa questão cultural está se quebrando aos poucos, mas nós precisamos mostrar o tempo todo que somos competentes.”

As mulheres do agronegócio sempre inspiraram Simoni a não desistir, mesmo em tempos e costumes bem diferentes. “Aqui as mulheres sempre tiveram junto nos trabalhos da roça, mas eu digo que não se valorizava isso. Você conversando hoje com uma mulher de 60, 70 anos, a minha sogra, a minha mãe, por exemplo. Elas contam que iam para lavoura, derrubavam mato, cuidavam dos filhos. Os maridos não ajudavam em casa, mas elas ajudavam na roça.”

Com mais conhecimento e autonomia de falar de igual para igual com produtores homens, Simoni sabe que a mudança também acontece de dentro para fora, e com a autoestima em dia, fica muito mais fácil reconhecer suas raízes e se orgulhar muito delas. “Hoje se você me perguntar vou te dizer que eu sou uma agricultora. Uma “colonona” como eu falo e tenho orgulho, antigamente não era assim.”

Visivelmente emocionada, a produtora comemora os novos tempos, mais inclusivos para as mulheres. E esse presente tem idade, nome e título: 16 anos, Nicolly, a filha de Simoni. “Minha filha demonstra vontade de fazer Agronomia, talvez engenharia mecânica. Ela está fazendo o segundo grau, mas me ajuda em tudo por aqui. Sabe fazer todas as atividades, na roça e em casa.”

Em 2022, Simoni descobriu uma nova paixão: o conhecimento técnico, além da porteira. A ALMA trouxe mais disciplina e um posicionamento diferente sobre quem é a Simoni Tessaro Niehues. “Vi um dia nas redes sociais alguma coisa sobre a ALMA. Aquilo me chamou atenção: Academia de Liderança para Mulheres do Agronegócio. Na minha cabeça pensei: nunca vou fazer parte disso.”

Mas ela não desistiu e conversando com uma amiga da família, ficou sabendo que abriam as inscrições para a ALMA. O primeiro curso foi o de liderança feminina no agro. Este ano se inscreveu novamente e não pretende parar. “Hoje estou no segundo ano, fazendo os cursos de Visão financeira e ESG. Quis continuar pelo conhecimento, pelas



Simoni e colegas da turma de Liderança Alma 2023

meninas que você acaba conhecendo, uma rede de contatos muito legal. Você enxerga que não é só você que tem desafios.”

Simoni ainda está se acostumando ao lugar onde chegou como produtora rural de uma cidade de 5 mil habitantes. “Convivo com aquelas mulheres que são fazendeiras grandes. Às vezes me sinto muito pequena perto delas. Falta confiança e penso: o que estou fazendo aqui?”.

Mas a cada viagem a São Paulo, cada fechamento de negócio, cada reunião de conselho, ela vai tomando conta desse lugar que é dela, e cheio de janelas abertas. “A minha autoestima melhorou demais. Hoje eu sei, que por mais que eu seja pequena, estou lá. O que aprendo na ALMA tem sido muito importante para nossa propriedade, aplico muita coisa, troco informações com os professores. Além do conhecimento, me sinto mais reconhecida pelo que eu faço, porque a ALMA abre janelas. Ano passado ganhei um ingresso para ir para o Congresso da ABAG, Associação Brasileira do Agronegócio, por exemplo. Me senti muito valorizada com esse reconhecimento.”

Em 2020, Simoni foi destaque no Congresso Nacional das Mulheres do Agro, como pro-

duzora rural. Um reconhecimento individual, mas que teve um papel coletivo imensurável para a comunidade onde atua. “Você acaba inspirando outras pessoas. Às vezes eu recebo muitos *feedbacks* que eu não esperava: de pessoas que sentem orgulho de mim, que é para continuar, que isso as motiva. Mesmo a minha propriedade, eu olho para ela, o que era e o que é hoje.”

Pelas antigas gerações, Simoni também é acolhida com orgulho e respeito pela caminhada como uma líder no agronegócio. Nem sempre o reconhecimento é verbal, mas quem precisa de palavras quando tem muita história para contar? “Sei que minha mãe tem orgulho de mim, mas ela não fala, é durona, a vida exigiu que ficasse assim. Quando minha mãe ficou viúva muitas pessoas quiseram se aproveitar, ela teve que ser uma mulher forte, teve que ser uma mulher dura para preservar a nossa terra. Se tenho o histórico que tenho é por tudo que aconteceu comigo, por tudo que passei.”

Simoni foca agora no ajuste de alguns pontos na gestão da propriedade e na sucessão que, ao que tudo indica, caminha para a quinta geração das fortes Tessaros. “Aqui nunca ninguém fez ALMA, nunca ninguém teve o reconhecimento pelo trabalho como mulher produtora rural. É muito difícil ter mulheres em conselhos do agro. Hoje nós batemos no peito para dizer que trabalhamos com agricultura. Minha filha sabe o que o setor representa, ela sabe o que é uma sucessão, de onde vem o dinheiro, sabe hoje que nada cai do céu. Minha filha tem orgulho de mim”.

Depoimento de **Kedjane Silva de Almeida,**

a educadora física que descobriu a vocação para o agronegócio e para comunicar melhor a relevância do setor.



“Mulheres empurram outras mulheres. Você já é a CEO da sua casa, você pode ser CEO do seu negócio.”

Se tem uma palavra que define a Jane, como é conhecida na ALMA e na empresa onde atua como sócia do marido, é multifacetária. Ela é formada em educação física, mas já trabalhou em casa agropecuária, usina, revenda de carros, secretária em cooperativa. Vida em movimento é com ela. “Meu pai é médico veterinário. Minha família não trabalhava com agronegócio diretamente, mas sempre fui ligada de alguma maneira com o setor.”

O sonho de criança era ser médica veterinária, mas a vida levou Jane para a educação física. No último ano de faculdade, ela se deparou com a primeira oportunidade de trabalhar com o agronegócio. Com a abertura de uma usina na cidade natal,

Riversul, interior de São Paulo, topou o desafio. “Um conhecido da família me disse que no momento a empresa precisava de um encarregado geral. Acabei trabalhando 7 anos nessa usina. Comecei com limpeza e saí como encarregada da indústria, um cargo de confiança. Vivenciei vários setores dentro de uma usina e nas minhas férias eu exercia minha profissão dando aulas em academias.”

Foram anos intensos, de muito trabalho. Tanto que Jane teve dificuldade de parar e precisou de ajuda médica para isso. Foi diagnosticada com Síndrome de Burnout ou Síndrome do Esgotamento Profissional, um distúrbio emocional com sintomas de exaustão extrema, estresse e esgotamento físico. Um momento para recalcular a rota e seguir outros caminhos. “Por orientação médica, acabei saindo da usina e decidi tirar um tempo para mim. Logo depois, entrei numa concessionária como vendedora, na sequência fui convidada para ser secretária

de um grande executivo, depois fui secretária em uma cooperativa.”

Foi nesse período que ela conheceu o marido, que prestava serviços para uma usina. “A partir da oportunidade de fazer uma parceria com uma multinacional, convidou-me para trabalhar com ele, e topei o desafio de começar a trabalhar para o nosso negócio.”

A história de Jane e do marido Ricardo foge um pouco do padrão dos produtores rurais brasileiros que, em sua maioria, herdaram a vocação e as terras da família e seguem no setor. No caso dela, não tinha família na atividade, nem terra, mas se transformou em produtora rural. Hoje o casal arrenda três fazendas para o plantio de cana. “Nosso modelo é um pouco diferente. Nós não temos terra, mas temos muita vontade. É algo atípico, porque a maioria dos agricultores tem terras, tem uma questão geracional com a atividade. Era meu sonho trabalhar no que eu trabalho hoje.”

Atualmente, a empresa conta com 32 funcionários e gerencia 2.500 hectares com o plantio de cana para a produção de açúcar, energia e etanol de segunda geração. “Hoje nós somos reconhecidos pela empresa com a certificação de fornecedores de excelência em sustentabilidade. Após uma auditoria da empresa para ver se temos os pré-requisitos para este reconhecimento, hoje temos o selo em todas as nossas unidades. Para mim, é um orgulho.”

A paixão pelo agro fez o *burnout* ir embora, mas a vida agitada não, o que a Jane encara

com a maior alegria. Acorda cedo e quase todos os dias da semana se dedica à empresa que é referência em sustentabilidade e boas práticas no agro. “Minha vida é 100% agro. Nós estamos na empresa praticamente o tempo todo, de segunda à sábado. Em algumas épocas, trabalhamos até no domingo. É nossa vida, nossa única fonte de renda, nosso ganha-pão, por isso que a gente faz com muito amor, com muita dedicação. É tudo muito pensado e todo dia temos um leão para matar”.

Hoje ela mata um leão, mas no passado já precisou enfrentar uma alcateia. Apesar da vontade de trabalhar no agro, Jane enfrentou resistência para tentar um lugar no setor. “Nós, mulheres, passamos por muitas situações de preconceito ao longo da vida. Eu, por exemplo, uma vez fui pedir emprego em uma concessionária de tratores, e o dono me disse que eu era muito bonita para o cargo. E eu fiquei surpresa, como assim? Eu tinha competência para o cargo.”

Jane avalia que, apesar da atuação das mulheres, o agronegócio é ainda muito masculino, mas vem mudando com o tempo. “Hoje o setor já está mais receptivo, já tem algumas portas abertas para as mulheres, mas cabe a nós nos qualificarmos para conquistar o nosso lugar. Eu acredito que a mulher pode ir até onde ela quiser.”

Como diz o ditado sobre a água mole na pedra dura, Jane chegou lá. Uma combinação de competência e boas oportunidades. E foi em uma dessas boas oportunidades da vida que conheceu a ALMA. “A Alma para mim foi

uma virada de chave. Foi a melhor experiência que eu tive na minha vida. Nunca tive a oportunidade de fazer uma qualificação voltada para o agronegócio. Fui convidada por uma representante da Corteva em um outro evento voltado para mulheres. Numa roda de conversa, elas estavam falando da ALMA e perguntaram se eu tinha interesse. Na hora, eu disse: ‘Por favor, me convide.’”

O convite está rendendo conhecimento e troca com outras mulheres até hoje. O primeiro curso foi em 2023. Em 2024, ela já se inscreveu logo em dois: ESG e Finanças. O próximo ela ainda não sabe qual será, só sabe que não vai parar por aí. “Depois que entrei para a ALMA, comecei a planejar. Como é importante termos uma organização estruturada em nossa rotina. Antes da Academia, era um pouco insegura, mas conquistei autoridade para falar de assuntos que antes eu não dominava.

Jane admite que a rotina é cansativa, mas prazerosa. Nos cursos anuais, os projetos finais de cada um deles é a atividade preferida dela, que tem muitos planos, além da tela do computador. “Os projetos finais são incríveis. Agora, na nossa conclusão do curso de ESG, estamos fazendo um projeto de ESG para o meu negócio e quero envolver as crianças de Avaré e região para fazer o dia do agro aqui na fazenda. Vamos mostrar para as crianças como se planta cana, mostrar todas as etapas do processo. Quero mostrar que o agro pode ser sustentável, informar essas novas gerações com qualidade.”

Manter próspero o ambiente que gera a ela tantas alegrias também é prioridade para a

produtora, que tem se envolvido cada vez mais com as boas práticas sociais, de governança e sustentabilidade. “Tenho muito orgulho de produzir alimentos com responsabilidade, pensando sempre na sustentabilidade do nosso negócio, do meio ambiente em que a gente vive. Para mim, é uma satisfação fazer parte do agronegócio, tentar deixar o nosso legado e tentar ao máximo comunicar o que a gente faz. O quanto amamos a terra, o quanto cuidamos das nossas nascentes, dos nossos rios, das nossas matas, porque todas as áreas que a gente tem, e temos áreas de reserva, que a gente cuida, são um prazer.”

As aulas na ALMA despertaram também o espírito coletivo na produtora. Hoje ela encontra pouco tempo para o assunto, mas empoderar outras mulheres a viver novas experiências está em seus planos. “Estou pesquisando e vi que na minha região não tem grupos de mulheres do agro. Quem sabe, daqui uns anos me qualifique melhor e comece a criar esse movimento aqui na nossa região. Esses grupos fortalecem as mulheres. Nós, mulheres, temos tantas capacidades só que muitas não tem o *start*, aquele empurrão.”

Para Jane, mulheres empurram outras mulheres, e é função de todas incentivar essas capacidades sempre que for possível. “Você já é a CEO da sua casa, você pode ser CEO do seu negócio. Eu conquistei meu espaço.”

E ela termina nossa entrevista, com muito brilho nos olhos, relatando a revolução da ALMA na carreira e na vida pessoal, e como a

união de homens e mulheres no agro pode continuar fazendo do setor essa potência mundial na segurança alimentar do planeta. “Acho que a busca do conhecimento muda também a sua vida pessoal. Eu gosto de pensar que não é uma competição do homem contra a mulher, mas uma união, é uma engrenagem. A ALMA para mim, acima de tudo, foi empoderamento. Eu me sinto a cada aula mais preparada.”



Kedjane e colegas do grupo “Elas planejam o agro”, projeto vencedor em 2023.

Depoimento de **Marisa de Souza Contreras,**

farmacêutica que se tornou a maior produtora de cafés especiais de baixa altitude do mundo e não se contentou com a excelência só na produção, e transformou a vida de 5 mil produtoras.



“A ALMA me deu potência àquilo que eu já fazia, me deu conhecimento, sustentação, clareza. Hoje não consigo ver mais minha trajetória de empreendedora do café sem a FIA Business School e sem a ALMA. A Academia solidifica esse conhecimento, traz autoridade para ele.”

Quem conhece Marisa de Souza Contreras sabe que ela é um acontecimento. Apaixonada por cafés e pessoas, ela nasceu em uma família de empreendedores que respeitavam o poder de mudança da mulher na sociedade. “Fui criada acreditando que uma mulher pode construir todas as oportunidades que ela quiser, para si própria e para outras pessoas também.”

Marisa sempre quis empreender para dar oportunidades para a família e para outras

pessoas. Foi educada para ser uma mulher forte e corajosa. “Corajosa é uma mulher que estende a mão para outra, que dá oportunidades a outra mulher. De longe, você reconhece uma mulher forte. É aquela que ajuda, que abre portas para as outras.”

De Areado, interior de Minas Gerais, Marisa não é de família de produtores rurais. O pai era empresário de varejo de combustíveis, tinha uma fazenda de cafés, mas não era o negócio principal da família. Marisa escolheu cursar a faculdade de Farmácia para abrir seu negócio próprio em outra cidade que a acolheu, o marido e os filhos por muitos anos. “Bebedouro é minha segunda cidade. Sou muito grata ao povo de lá porque me recebeu de portas abertas. Foi lá que construí muitas oportunidades.”

Foi quando Marisa percebeu um movimento diferente no mercado farmacêutico que ela tomou a decisão de vender as farmácias, vol-

tar para Areado e ajudar o marido a tocar a plantação de café. “Meu pai ajudava no início, mas quando ele faleceu, meu marido me disse: ‘Agora você vai ter que vir me ajudar.’ Disse para ele na época: ‘Como vou ajudar? Eu sou farmacêutica, cuido de quatro farmácias, como posso ajudar você?’”

Marisa percebeu que as duas atividades tinham semelhanças. A experiência de anos no comércio fez toda a diferença logo no início do novo negócio. “Hoje vejo que as duas áreas, a farmacêutica e a cafeicultura, são complementares, porque eu sempre vendi saúde, beleza e bem-estar para as pessoas e o café é tudo isso, é alegria, entusiasmo, saúde, beleza, energia.”

Mais de uma década depois, o casal se tornou referência mundial na cafeicultura em baixa altitude. “Você se apaixona pela jornada, pelo caminho percorrido, não pelo resultado. Se os frutos do café não estão bons o suficiente, é sinal de que as suas raízes não estão profundas. Porque você tem que cuidar das raízes, não do resultado. Eu decidi que aquele negócio ia dar certo e que eu seria incansável para isso. Eu vim para o café e aí já não tinha mais meu pai. Agora eu olho todos os dias para o céu e dedico meu negócio a ele e digo: ‘Deu tudo certo.’”

Foi preciso persistência. Marisa ouviu de especialistas que a altitude não era ideal para a proposta de produzir cafés especiais. Eles estavam errados. “Estou numa altitude média de 760 metros e se acreditava que os bons cafés só se produziam em altitudes acima de 1.200 metros. Nessa hora, eu falei: ‘A atitude muda o mundo.’”

Hoje os cafés da fazenda de Marisa são reconhecidos como cafés especiais no mercado nacional e internacional. “Sempre digo que quando uma mulher vem para o campo, ela traz um novo olhar. Um novo olhar sobre a vida, sobre as pessoas, sobre a terra, sobre tudo. Esse olhar de amorosidade, de empreendedorismo, de liderança, transforma os ambientes por onde uma mulher passa, e eu comecei a enxergar além da terra.” Marisa enxergou nas pessoas motivação para continuar. “Eu acho que comecei a transformar a fazenda trazendo esse novo olhar sobre a propriedade.”

Agora a rotina dela é descobrir novas maneiras de melhorar o negócio e a vida de outras produtoras como ela. “O café é uma das cadeias produtivas mais bonitas, mais encantadoras, mais fascinantes do mundo. O melhor da nossa cadeia não são os grãos, são as pessoas. Cada xícara carrega nossa história. A minha xícara carrega a minha história de superação, de coragem, de vir e contar essa história no café. O café une as pessoas pela rede do afeto e do coração.”

Marisa lembra que a produção de café no Brasil tem um impacto centenário no sustento de milhares de famílias. “Nós geramos um impacto muito grande porque o café distribui muito a renda. Todos nós que estamos inseridos no café temos um ciclo de prosperidade, independentemente de a área ser grande ou pequena.”

E o poder do café de unir as pessoas não se resume em sentar-se à mesa para apreciar a bebida. No caso de Marisa, o café vem unindo

centenas de mulheres num encontro anual de celebração da cadeia produtiva brasileira e do poder de transformação da mulher. “No primeiro encontro, não trouxe ninguém para vender produtos, mas, sim, gente para falar da vida dessa mulher. Eu me sentia muito incomodada ao ver que, quando uma mulher herdava uma propriedade, ela a vendia porque não sabia como lidar com aquilo. E me lembro de que no primeiro encontro tinham 17 mulheres e este ano, no décimo encontro, foram quase 1.500 mulheres de diferentes regiões do país.”

O olhar humanizado de Marisa para a cadeia produtiva do café a motivou a procurar um grupo gigante do setor para melhorar a vida de milhares de produtoras. O Projeto

Florada Premiada tem 7 anos e é inovador na valorização da produção feminina de cafés especiais. “Promovemos a conversa com mulheres produtoras para que a companhia identifique os melhores cafés pelas mãos de uma mulher, pague o dobro do valor de mercado e faça o maior concurso de cafés premiados do mundo.”

Marisa reconhece a importância do Brasil como maior produtor e exportador de café do mundo e defende a construção de uma cadeia de valor no setor. “Levamos para o mundo não só os melhores cafés, mas as melhores histórias porque somos o maior produtor do mundo, e também somos o maior produtor de cafés especiais, de cafés certificados, de cafés sustentáveis. Não im-



Marisa Contreras e integrantes do seu grupo na premiação do melhor Relatório ESG desenvolvido em 2023

porta o meu tamanho. É o poder de transformação, a história de cada uma que faz você vender o seu café e então essa mulher, que ninguém sabia que existia, começa a ter voz e visibilidade.”

Apaixonada também por conhecimento, Marisa descobriu a ALMA há 4 anos. Uma união perfeita e, ao que tudo indica, duradoura. “Eu não perdia palestras, cursos, não perdia nada. E num desses momentos extraordinários eu descubro a ALMA. E fiquei encantada, e isso mudou totalmente a minha realidade porque eu fui ser capacitada, preparada para fazer o que já fazia, mas com clareza.”

Marisa destaca também a importância da formação da Academia para a expansão da rede de contato das alunas. “Com a ALMA, eu comecei a me relacionar com outras mulheres, de outras culturas, de outros estados. Comecei a ser impactada por professores extremamente capacitados que trouxeram clareza e visão do meu negócio, de liderança, de sustentabilidade, de financeiro.”

Marisa já foi aluna dos cursos de Liderança, ESG e agora está concluindo o de Finanças. Uma jornada que amplia todos os anos os sonhos e as metas dela na propriedade da família e de outras produtoras. “Conhecimento é libertador. Você se liberta, constrói argumentos. O conhecimento faz você ter repertório. Com ele, você consegue conversar, falar. Ele lhe possibilita uma expansão de consciência.”

A produtora lembra ainda a importância da rede de conhecimento proporcionada por coordenadores e professores do Pensa/FIA.

“Na ALMA, nós geramos valor uns para os outros porque eles investem no nosso conhecimento, e nós devolvemos isso em forma de resultados, de fazendas que começam a se destacar no mercado.”

Marisa é injeção de ânimo e confiança, e quando o assunto é liderança feminina, é claro que não poderia terminar a entrevista sem pedir uma dica certa para as mulheres que estão no agro hoje e querem semear perseverança para colher vitórias como vem acontecendo com ela. “Hoje 40% dos negócios no campo no Brasil são liderados por mulheres, e nós temos um jeito diferente de fazer negócio. Nós fazemos negócios com relacionamentos profundos e duradouros. Diria para mulheres desanimadas que estão no agro: você faz parte do Brasil que dá certo todos os dias. As mulheres transformam sonhos em realidade.”



Depoimento de **Jucinéia Moraes Lago,**

a mulher que usou a experiência no mercado financeiro, na área da saúde e na vocação empreendedora de mãe para construir com o marido um negócio consolidado e dinâmico no Centro-Oeste de Mato Grosso do Sul.



“Quilos de informação se transformam em toneladas de conhecimento. A gente só tem que ter sabedoria para transformar toda essa informação em conhecimento. A ALMA inquieta as mulheres e esta inquietação promove a transformação.”

Ela se chama Jucinéia Moraes Lago, mas poderia ter trabalho e determinação no sobrenome. A cuiabana começou a trabalhar aos 13 anos de idade e acumula cargos e funções em banco, prefeitura e agora empresta o talento para gestão do negócio da família, que planta soja, milho e mantém um plantel de gado de corte em áreas próprias e arrendadas.

O marido de Jucinéia mudou do Sul com a família para o Mato Grosso do Sul já pensando em viver do agronegócio, mas ela demo-

rou para perceber que nasceu em uma família de agricultores familiares. “Tenho esta lembrança muito nítida de quando eu era criança, lá em Mato Grosso. Os meus avós tinham uma chácara próxima ao rio. Eles mantinham agricultura familiar. Café, milho, arroz, gado de leite, galinha. Tenho lembrança do meu avô sentado debaixo do pé de manga. A propriedade era pequena, mas dava todo o sustento da família.”

O sonho do marido de viver do agro passou a ser também o sonho dela. Tudo planejado e estruturado. Durante muitos anos, Jucinéia trabalhou fora para sustentar a casa, e ele fez o “pé de meia” para, enfim, ter a propriedade da família. “Pegava o carro emprestado do meu pai e saíamos procurando áreas que pudéssemos comprar. Por incrível que pareça, caiu do céu a oportunidade que tanto queríamos. No início, não foi fácil. Não entendia nada de agricultura, ele entendia um pouco, mas insistimos.”

E essa insistência já dura 23 anos. Com o aumento dos preços da carne no país em 2006, eles diversificaram as atividades e conseguiram fazer história. “De uma hora para outra, o negócio começou a dar um *boom* e nós apostamos na criação de gado de corte para consumo próprio mesmo, para ter uma carne mais acessível para a família. Meu marido percebeu que era uma forma de ganhar dinheiro, vender o gado gordo. O sistema de rotação de animais que criamos é usado hoje por muita gente e deu muito certo.”

Hoje ela divide as funções do negócio com o marido e o filho do meio, que dá sinais de que deve suceder os pais na atividade. “A gente está sempre discutindo alternativas, novas possibilidades. Meu filho do meio está com a gente agora, estamos enxergando nele uma possibilidade de sucessão.”

Mas quantas horas tem o dia de Jucinéia? Suspeito que mais de 24, e explico o porquê. Além das atividades com as fazendas, ela trabalha como voluntária construindo agora um CER (Centro Especializado de Reabilitação) que atende pessoas com limitações físicas e alunos da APAE da região. Jucinéia participa também, ativamente, do Sindicato Rural de Rio Brilhante, estimulando a participação feminina nos cursos e atividades. “Nós criamos, há dois anos, a Comissão das Mulheres do Sindicato Rural de Rio Brilhante, começamos a levá-las para participar dos eventos, a chamá-las também para participarem de cursos pelo SENAR. Essa Comissão se fortaleceu e começamos a ir a várias palestras em diferentes cidades.”

E foi em uma dessas oportunidades de reunir mulheres do agro que Jucinéia foi convidada a conhecer a proposta da Academia de Liderança para Mulheres do Agronegócio. “Este ano concluirei o primeiro curso de liderança na ALMA. É maravilhoso. Sensacional! Eu gosto das coisas que me motivam a buscar conhecimento. Estou apaixonada por tudo que estou descobrindo. Estou colocando as minhas colegas de ALMA para trabalhar. Agora eu quero criar um selo para as propriedades.”

Durante as aulas, Jucinéia e as colegas criaram o e-book *O agro sustenta*, um guia das boas práticas do ESG no agronegócio. “A minha visão foi muito ampliada, porque a minha produção aqui se envolve em outras cadeias. Por exemplo, eu não olhava para o solo como olho hoje, como um ser vivo. Eu sabia da importância, mas esse olhar dá um choque de realidade incrível. Como eu não percebi isso antes?”

O que Jucinéia percebeu também foi a necessidade de orientar as novas gerações sobre a relevância do agro para o futuro da humanidade. Até 2025, ela pretende usar o conhecimento do SENAR (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural) e iniciar um programa de cursos nas escolas da região onde vive com a família. “Nós precisamos mostrar desde cedo para a sociedade o papel da agricultura, e isso tem que ser feito nas escolas. O SENAR tem cursos muito bons e parcerias com sindicatos rurais sem custos. Esse projeto deve começar no ano que vem. Queremos visitar todas as séries das escolas daqui, falando da importância do agronegócio.”

Importância do agronegócio e do conhecimento da mulher no agronegócio. A produtora acredita que a mulher é soma no setor, e que essa mistura do feminino com geração de conhecimento vem mudando o pensamento de muitos homens que não acreditam na força da mulher no agro. “Muitas mulheres entram para a ALMA como esposas de agricultores e saem querendo fazer parte daquilo. É importantíssimo o

papel da ALMA nesse processo de mudança. Ouvi esses dias uma frase em um treinamento que achei fantástica: quilos de informação se transformam em toneladas de conhecimento. A gente só tem que ter sabedoria para transformar toda essa informação em conhecimento. E conhecimento muda muitos processos. A ALMA inquieta as mulheres e essa inquietação promove transformação.”



Jucineia e colegas do projeto ALMA 2024
“O AGRO SUSTENTA”

Raio-X da ALMA

Se você chegou até aqui, conhece bem a história da ALMA e de algumas mulheres, que gentilmente concordaram em contar suas experiências de vida na agricultura e na Academia de Liderança para Mulheres do Agronegócio. Mas quisemos ir além, nos aprofundar no perfil delas e entender qual o impacto da ALMA na sua jornada. Antes, porém, teremos um breve histórico das atividades da Academia.

Academia de Liderança para Mulheres do Agronegócio de 2019 a 2024

Como já descrito ao longo deste livro, a ALMA surgiu a partir de uma iniciativa da Corteva Agriscience, inspirada por uma pesquisa da Associação Brasileira de Agronegócio (ABAG) sobre as barreiras que impedem produtoras rurais de terem uma participação real e bem-sucedida no setor. O estudo revelou que 89% delas gostariam de ter acesso a treinamentos.

Os resultados da pesquisa estão alinhados com dados do último Censo agropecuário,¹ que revelou que produtoras rurais têm menos acesso a informações técnicas, seja

1. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Embrapa e IBGE. Censo Agro 2017: Mulheres Rurais. Disponível em: <https://www.embrapa.br/documents/10180/1645386/Mulheres+Rurais+-+Censo+Agro+2017/fc59f4c6-c94d-6b-78-887d-5a64b1a70a7d>. Acesso em: 8 de outubro de 2024.

em seminários e reuniões técnicas, seja via internet. Também participam menos de atividades associativistas, como cooperativas.

Ao perceber esta lacuna, as duas organizações (Corteva e ABAG) se uniram para desenvolver um programa de educação continuada dedicado às produtoras rurais. Desde 2022, a FIA Business School faz parte desta iniciativa que tem o propósito muito claro de acelerar o desenvolvimento dessas mulheres, estimulando a formação de futuras líderes do setor.

De 2019 a 2024, foram 861 matrículas nos cursos da ALMA, as quais resultaram na emissão de 673 certificados² para 541 alunas!

No primeiro ano em que participam da Academia, as inscritas sempre cursam o progra-

2. Este número contabiliza 177 certificados que serão emitidos após a Jornada Alma em outubro de 2024.



FOTO: MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

Reunião com o Ministro da Agricultura, Carlos Fávaro, durante a viagem de premiação à Brasília, em 12/03/2024

ma de Liderança Feminina no Agronegócio. Após a conclusão deste curso de liderança, as veteranas podem participar do programa Alumni. A cada ano, são oferecidos novos cursos para que elas possam continuar aprimorando seus conhecimentos e fortalecendo suas redes de contato.

O curso de liderança atual envolve a carga horária de 50 horas segmentadas em:

- 4 módulos temáticos com aulas *online* quinzenais e ao vivo.
- Desenvolvimento do projeto de engajamento com mentorias ao longo do ano.
- Jornada Alma presencial em São Paulo.

O projeto de engajamento é um dos diferen-

ciais do projeto, pois incentiva o protagonismo delas à medida que precisam identificar um problema ou aproveitar oportunidade, traçar um plano de ação e apresentar resultados no evento presencial. O trabalho é realizado em grupo e desta forma também promove a integração entre participantes de diversas regiões.

No evento presencial, o melhor projeto é escolhido pelo público. O prêmio é uma viagem a Brasília para conhecer as instâncias de tomada de decisão do agronegócio. Entre 2019 e 2024, foram desenvolvidos e apresentados 63 projetos sobre temas diversos, como melhoria de técnicas de gestão, gestão de pessoas, sucessão familiar, comunicação, sustentabilidade, entre muitos outros.

A combinação de aulas e o desenvolvimento de projetos é um modelo que vem se mostrando vitorioso, pois além de incentivar a discussão e a busca de soluções para problemas, motivam o desenvolvimento de lideranças regionais.

O sucesso do modelo também é percebido pelo interesse das alunas em continuar participando dos cursos e seminários da ALMA após a conclusão do curso de liderança. São oferecidos cursos de temáticas diferentes, exclusivos para as veteranas. Um deles foi o curso “ESG: Agro sustentável”, que em 2023 e 2024 teve ao todo 81 participantes e gerou 12 relatórios de ESG. Neste caso, o melhor relatório também foi premiado.

Além do curso de ESG, em 2024 foi oferecido o curso “Visão financeira e comercialização”, com o engajamento de 90 alunas veteranas.



Turma ALMA ESG 2023

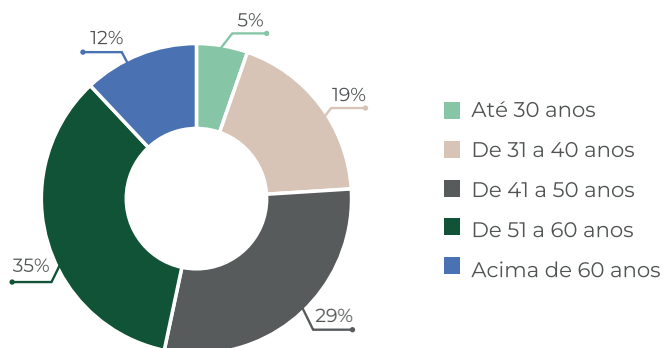
A escolha desse tema levou em consideração a demanda das próprias alunas como resultado do momento difícil vivido por algumas das principais cadeias do agronegócio como também da necessidade de desenvolver competências técnicas para que se sintam mais seguras e encorajadas a tomarem decisões que impactam diretamente na sustentação de seus negócios.

Diante desse cenário de participantes altamente engajadas, enviamos um questionário *online*, elaborado pela equipe do PENSA/FIA, para que as alunas e ex-alunas pudessem nos contar como e se as suas vidas foram de alguma forma impactadas pela ALMA. Durante o mês de setembro deste ano, 2024, 75 mulheres que já cursaram ou cursam a Academia responderam 8 perguntas que geraram as informações detalhadas a seguir.

Quem integra a ALMA?

A maioria das mulheres, 35% das que responderam ao questionário, tem entre 51 e 60 anos. Logo na sequência, estão as mulheres um pouco mais novas, entre 41 e 50 anos, que representam 29%. As mulheres acima de 60 anos representam 12%, e aquelas com a faixa etária entre 31 e 40 anos, 19%. Chama atenção a fatia de mulheres com menos de 30 anos que integram a Academia, apenas 5% das entrevistadas. A concentração maior na faixa entre 41 e 60 anos está coerente com os dados do Censo Agropecuário de 2017, que aponta que nos empreendimentos rurais dirigidos por mulheres, em 66,3% as mulheres têm mais de 45 anos (EMBRAPA, 2022³), indicando que as mulheres tendem a se envolver mais tarde com o negócio.

Gráfico 1: Faixa etária

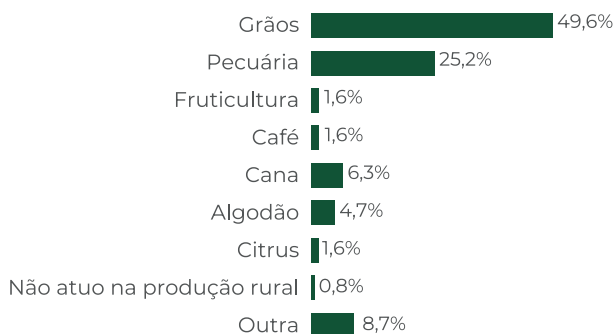


3. EMBRAPA. *Observatório das Mulheres Rurais do Brasil, 2022*. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/observatorio-das-mulheres-rurais-do-brasil>>. Acesso em: 7 de outubro de 2024.

Atividades desempenhadas pelas mulheres que cursam ou cursaram a alma

Quase metade das mulheres que responderam este questionário, 49,6 %, trabalha diretamente na produção de grãos. Dessas, 25,2% indicaram que atuam com a pecuária de corte. A cana de açúcar é a atividade de 6,3%. Algodão vem na sequência com 4,7% das respostas. Floricultura, citricultura e café tiveram a mesma porcentagem, com 1,6% das alunas. E 8,7% das mulheres responderam que atuam em outras atividades e apontaram trabalhos ligados ao agro, mas em outros setores, como jurídico, insumos, comercial, prestação de serviços do plantio à colheita, prestação de serviços com adubação orgânica, arrendamento de lavouras, silvicultura, borracha natural, aves, produção de alho, batatas, horticultura, associação na área de sementes ou educação, prestação de serviços de armazenagem e distribuição de defensivos agrícolas.

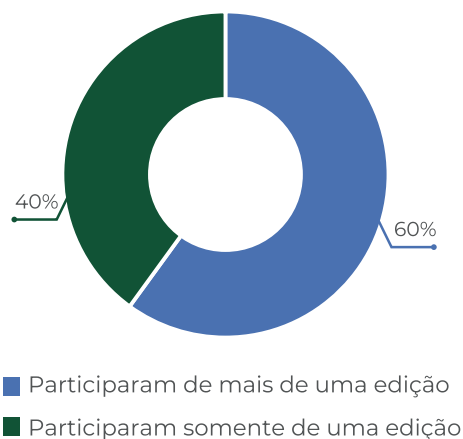
Gráfico 2: Principais atividades da produção rural das alunas ALMA



Reincidência no projeto

Uma característica bastante marcante na Academia de Liderança para Mulheres do Agronegócio é a reincidência. Das 5 mulheres que deram depoimentos para esta publicação, 4 cursam a academia há alguns anos. Esta proporção foi exatamente a mesma entre as mulheres que responderam ao questionário: 60% das 75 disseram que participaram de mais de uma edição.

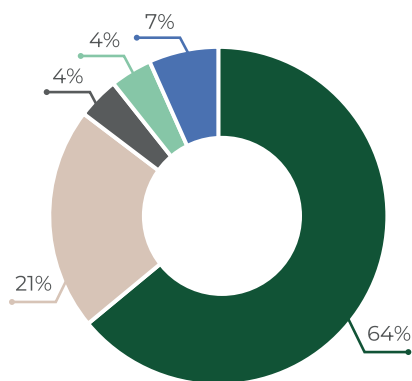
Gráfico 3: Percentual de alunas que participaram de mais de uma edição da ALMA



Quem apresentou a ALMA?

O Gráfico 4 mostra que a principal porta de entrada para a ALMA é a indicação de representantes de vendas ou RTVs da Corteva, financiadora do Projeto (64%). Das participantes, 21% apontaram que as incentivadoras foram amigas ou familiares. Notícias na imprensa e nas redes sociais foram responsáveis por 8% da motivação das mulheres que participaram da pesquisa.

Gráfico 4: Como as participantes conheceram a ALMA?

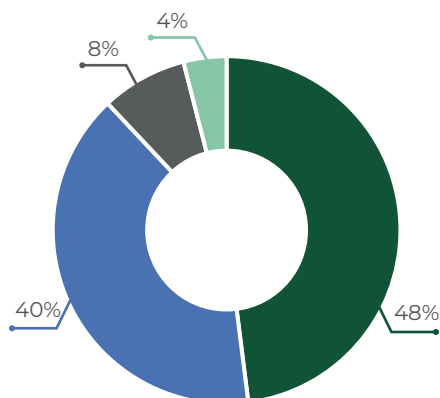


- Indicação do Representante Comercial/RTV Corteva
- Indicação de amigas ou familiares
- Notícias vinculadas na imprensa
- Redes sociais
- Outra

Por que cursar a alma?

O que motivou as alunas ou ex-alunas da ALMA a ingressarem nos cursos? A pesquisa revelou que 48% das mulheres buscam na Academia conhecimento. Delas, 40% vão atrás de melhorar a gestão do negócio, e 8% das mulheres que responderam o questionário pretendem ampliar suas redes de relacionamento. A melhoria na inovação do negócio, busca por empreendedorismo, impacto nas vidas das pessoas em suas comunidades também apareceram como estímulo para o ingresso na ALMA.

Gráfico 5: Principal motivação para participarem da ALMA

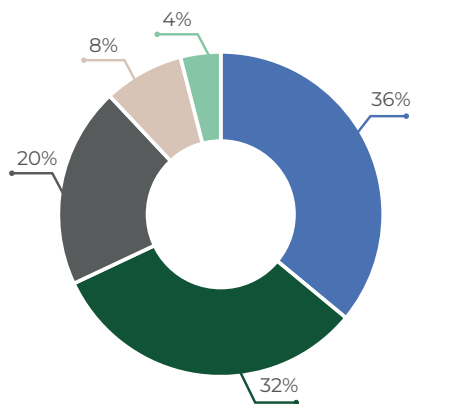


- Buscar conhecimento
- Melhorar a gestão do negócio
- Ampliar a rede de relacionamento
- Outra

A ALMA no desenvolvimento pessoal

Perguntadas sobre os efeitos da Academia de Liderança para Mulheres do Agronegócio, 36% das mulheres responderam que passaram a se perceber como agentes de mudança. Além disso, 32% das entrevistadas disseram na pesquisa que passaram a se sentir mais seguras para aceitar novos desafios. As que começaram a buscar por mais cursos que completam sua formação representam 20% das respostas, e 8% contam que a partir da ALMA começaram a se ver como produtoras rurais.

Gráfico 6: Principal impacto da ALMA no desenvolvimento pessoal das participantes

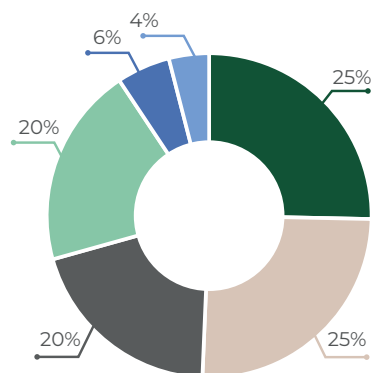


- Passou a se perceber como agente de mudança
- Passou a se sentir mais segura para aceitar novos desafios
- Começou a buscar por mais cursos que completam sua formação
- Passou a se ver como produtora rural
- Outra

A ALMA no desenvolvimento profissional

Do ponto de vista profissional, houve empate. A maioria se dividiu, e 25% dessas mulheres apontaram que, com a ALMA, melhoraram a gestão de sua empresa. Os outros 25% responderam que depois da ALMA houve ampliação da rede de relacionamentos. Dessas mulheres, 20% passaram a se ver como protagonistas, assumindo mais responsabilidades, os outros 20% demonstram que, com a ALMA, passaram a entender melhor o agro, e 6% das participantes tiveram mais contato com inovações tecnológicas.

Gráfico 7: Principal impacto da ALMA no desenvolvimento profissional das participantes

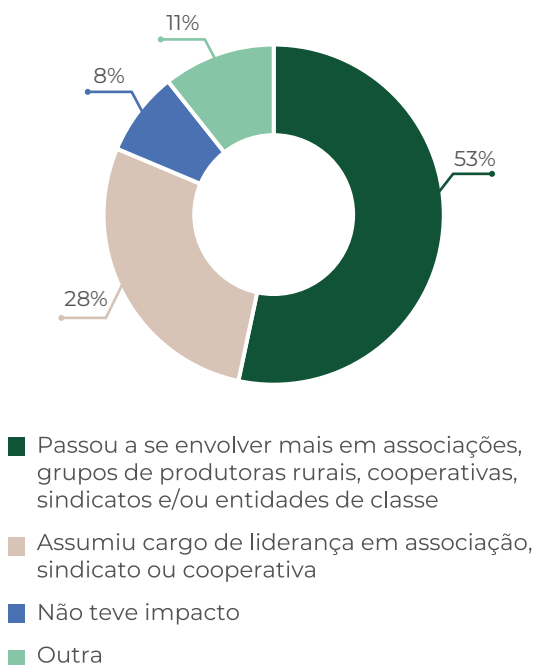


- Melhorou a gestão da sua empresa
- Foi beneficiada pela ampliação da rede de relacionamentos
- Passou a se ver como protagonista, assumindo mais responsabilidades
- Passou a entender melhor o agronegócio em que atua
- Teve contato com inovações tecnológicas
- Outra

Impactos nas ações coletivas

Questionadas sobre o impacto da ALMA no envolvimento em ações coletivas das participantes, 53% delas responderam que passaram a se envolver mais em associações e grupos de produtores rurais, cooperativismo, sindicatos e/ou entidades de classe. E 28% delas disseram que assumiram cargos de liderança em associação, sindicato ou cooperativa.

Gráfico 8: Principal impacto da ALMA no envolvimento em ações coletivas das participantes



Em termos de desenvolvimento profissional, os resultados comprovam a efetividade do programa ALMA em fornecer não apenas capacitação técnica, mas também oportunidades de *networking* estratégico. Essa dinâmica é fortemente apoiada por literatura sobre capital social e impacto na liderança feminina⁴, sugerindo que redes fortes ajudam mulheres a se posicionarem melhor e a alcançar níveis superiores de tomada de decisão. As participantes também indicaram que:

- Passaram a se ver como protagonistas.
- Passaram a se envolver mais em associações e grupos de produtores rurais.

4. Donnellon, A.; Langowitz, N. Leveraging Women's Networks for Strategic Value. *Strategy & Leadership*, v. 37, n. 3, p. 29-36, 2009. DOI: 10.1108/10878570910954628.

Ferigato, E., & Telesi Pacheco Conceição, J. (2020). LIDERANÇA FEMININA NAS ORGANIZAÇÕES. *RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar* - ISSN 2675-6218, 1(2), 152-178. <https://doi.org/10.47820/recima21.v1i2.31>

Hersby, M. D.; Ryan, M. K.; Jetten, J. Getting Together to Get Ahead: The Impact of Social Structure on Women's Networking. *British Journal of Management*, v. 20, n. 4, p. 415-430, 2009. DOI: 10.1111/j.1467-8551.2008.00604.x.

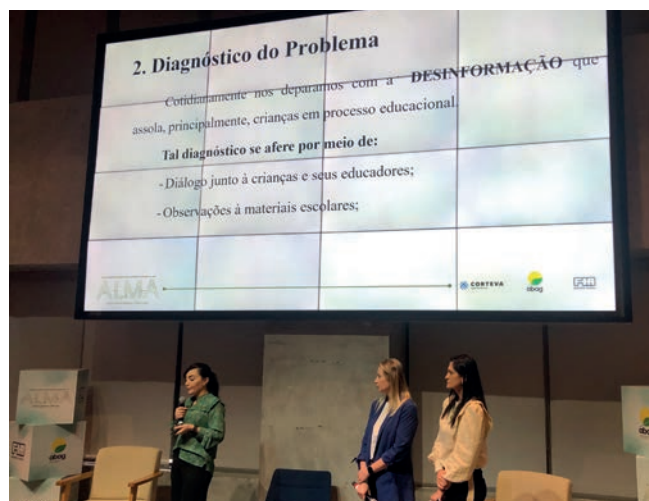
Menezes, R. S. S.; Silva, F. D. . Trabalho e Identidades de Gênero de Gestoras de Organizações do Agronegócio em Minas Gerais. *Revista Brasileira de Estudos Organizacionais*, v. 3, p. 127-144, 2016.

Moura, G. L., Jucá, K., & Vieira, R. S. G. (2024). Governança, Inovação e Empreendedorismo Feminino de Alto Impacto Social: O Que Aconselharia John Davis a 20 Mulheres Líderes Sobre o Futuro dos seus Empreendimentos?. *Revista Portuguesa de Gestão Contemporânea*, 5(01), 66-82.

Wang, J. Networking in the workplace: Implications for women's career development. *Special Issue: Social Capital and Women's Support Systems: Networking, Learning, and Surviving*. Volume2009, Issue122Summer 2009. Pages 33-42.

• Assumiram cargos de liderança em associação, sindicato ou cooperativa.

As respostas indicaram um deslocamento das mulheres para um papel mais ativo, crucial para quebrar barreiras de gênero no setor agrícola e caminhar para o equilíbrio, o que certamente trará valor para nosso agronegócio.



Apresentação 2022



Jornada ALMA 2022

A voz da ALMA

Depoimentos

Qual o principal impacto da ALMA na sua vida?

No mesmo questionário do Raio X da ALMA, as participantes puderam deixar um depoimento livre sobre o impacto da ALMA na sua vida. Nessa seção você poderá conhecer um pouco mais da visão das próprias alunas sobre o programa.

Tenho muita gratidão por fazer parte da ALMA. É uma rede de relacionamento de pessoas muito distintas, batalhadoras, engajadas, com histórias de vida lindas, que trouxeram para minha vida muito mais empatia, entusiasmo para lidar com as dificuldades, confiança e um crescimento pessoal imensurável.

Anônima

O impacto de conhecer a história de outras mulheres, suas experiências, suas ideias, nos traz motivação, e essa troca faz com que busquemos aprimorar a gestão dentro da propriedade.

Rosane Durlo

A ALMA, além de trazer muitas trocas com produtoras de todo o Brasil, networking e novas amizades, fez com que eu enxergasse em mim o meu potencial de líder, me deu voz e me fez ter mais posicionamento dentro do negócio.

Renata Martini

A ALMA me fez olhar para a empresa familiar de forma profissional, buscando capacitação, conhecimento técnico e inovação para enfrentar os desafios do agronegócio na sucessão.

Claudia Furlan

Mudança de atitudes. Novo curso universitário voltado para o cooperativismo. Porque cooperar é tudo. Desejo me preparar mais e melhor na área de ESG.

Marli Teresa Munarini

Eu sou gerente de unidade em uma cooperativa agroindustrial. Com a ALMA, consegui sair do automático da gestão e ver que posso ir além com trabalhos sociais, com associados, jovens etc. Enfim, desbravar um pouco mais e mostrar para as mulheres que podemos ir além de nossas limitações.

Cristiane

Perceber o quanto somos capazes de executar tarefas complexas com excelência foi, sem dúvida, o maior impacto da ALMA! Hoje tenho interesse constante em agregar mais valor ao meu produto, mais confiança à minha equipe e mais transparência aos processos, sempre buscando melhores resultados ligados diretamente com sustentabilidade e rentabilidade.

Além disso, a ALMA me fez refletir sobre qual legado recebi do meu maior exemplo, meu pai (in memoriam) e qual legado quero deixar aos meus filhos e toda a comunidade onde atuamos. Ela me fez perceber que tecnologias, gestão e governança são importantes, e nós até mesmo implementamos uma assessoria para melhor conduzir esses setores. Porém, valorizar os esforços dos nossos colaboradores, construindo uma equipe consolidada, profissionalizada e realizada em trabalhar conosco foi o maior despertar.

A ALMA dentro da porteira foi fundamental para grandes conquistas e realizações, e fora da porteira foi magnífica, conectando pessoas do mesmo setor e com realidades tão distintas, com tanta informação para compartilhar e tanto relaciona-

mento de que se orgulhar; são contatos que se prolongam, se ajudam e, profundamente, desejam que todas as pessoas envolvidas conquistem um espaço único e, ao mesmo tempo, conjunto.

É muito gratificante poder dizer que faço parte dessa família, pelo quarto ano consecutivo, sendo cada ano superado por uma nova temática totalmente atualizada e ligada às necessidades atuais. Assuntos tão relevantes de serem construídos e, por muitas vezes, deixados de lado pelas demais pessoas.

Tenho certeza de que a ALMA foi criada para fazer diferença na vida de tantas mulheres e nos capacitar para conduzirmos nosso lugar com maestria e segurança!

Rafaela Denardin

A troca de conhecimento com as produtoras, o contato com as pessoas que realmente estão na linha de frente das fazendas e entender as dificuldades.

Vanessa Casachi

O maior impacto que teve em minha vida foi o conhecimento, que quando aplicado na fazenda traz um olhar inovador e tecnológico, tornando-a próspera e sustentável.

Simoni Tessaro Niehues

Venho de uma longa trajetória de sucesso em uma instituição financeira, onde passei por várias áreas em cargos de direção.

A decisão de migrar para o agronegócio e trabalhar com pecuária é um grande desafio.

Participar da ALMA neste momento da minha vida é muito significativo! Eu me sinto encorajada para

seguir na atividade, não só pelos conhecimentos adquiridos, mas também pela possibilidade de ampliar relacionamentos com pessoas do Agro.

Airan Freitas

Minha jornada no agronegócio começou em 1989, quando iniciei minha faculdade de Agronomia na ESAPP, Escola Superior de Agronomia de Paraguaçu Paulista, no estado de São Paulo. Desde então, são mais de 30 anos dedicados ao agronegócio no Mato Grosso, onde encontrei minha verdadeira paixão e missão: contribuir para o desenvolvimento do setor agrícola no Brasil.

Ao longo desse tempo, vi muitas transformações e enfrentei diversos desafios que moldaram minha trajetória como líder. O momento de maior mudança veio em 2019, quando fui convidada pela Corteva para participar da ALMA (Academia de Liderança Mulheres do Agronegócio), ao lado de 20 mulheres de todo o Brasil com histórias inspiradoras, liderando suas famílias produtoras. Essa experiência me trouxe uma nova visão do meu papel no setor e da importância de mulheres ocuparem espaços de liderança.

A partir desse marco, comecei a me ver como protagonista e uma inspiração para outras mulheres que, muitas vezes, só se viam como esposas de produtores. A ALMA me deu força para assumir cargos de liderança e participar ativamente de grupos de mulheres no agronegócio, além de encontrar tempo para me dedicar a essas atividades.

Sou profundamente grata por essa experiência, que não só me fez crescer como profissional, mas também como pessoa, inspirando-me a continuar lutando por mais espaço e reconhecimento para as mulheres no campo.

Silvana Lopes Domingues Marson

Passei a entender melhor do agronegócio. Senti-me parte do processo da cadeia alimentar e, como consequência, foi buscar novos conhecimentos para aprimorar minha formação.

Jucinéia dos Santos Morais Lago

Adoro a ALMA pelo conhecimento que me trouxe. Por me mostrar quantas mulheres guerreiras existem neste mundo e por me mostrar que EU posso ser uma também. Gosto porque os professores são cheios de conhecimento e porque fiz novas amizades. Principalmente por me ensinar como lidar com a sucessão familiar, que foi e ainda é um processo que estou vivendo.

Solange Wermann

Eu me sinto muito honrada por ser da primeira turma da ALMA. A sororidade nos torna mais humanas, e o networking que fazemos é a grande diferença neste programa, pois nos amparamos, contamos nossas vitórias e nossos gaps. Os elos se fortalecem! Quero agradecer imensamente à Corteva por essa imensa oportunidade! Tenho certeza de que transformou a vida de muitas mulheres!

Dulce Chiamulera Ciochetta

Participar da ALMA foi muito importante, pois me trouxe novas oportunidades, mais conhecimento, maior relacionamento com outras produtoras, muito networking, conheci novos lugares e novas pessoas, promoveu a troca de experiências, aprendi e ensinei também. De fato, gerou muitas oportunidades interessantes de conhecimento para a gestão e para a vida.

Celi Webber Mattei

Impactou no meu crescimento na administração da propriedade rural de forma mais eficiente, abrangendo aspectos como planejamento estratégico, tomada de decisões e técnicas de gestão financeira para o meio agrícola.

Nayara da Silva Vieira

O maior Impacto que me causou foi o dia em que recebi o meu primeiro certificado pelo correio. Senti uma satisfação inexplicável, como se eu estivesse recebendo um troféu me reconhecendo como produtora rural. Um sentimento inexplicável!

Gianne Giovanini Barbieri

A ALMA me trouxe novas energias para continuar acreditando em meu negócio e em meu país e ainda me aproximou de pessoas com valores e interesses em comum com os meus.

Giovana Nunes Hardy

Ela me fez enxergar o quanto contribuo para a gestão da minha fazenda, agregando um olhar mais preciso aos detalhes de cada processo.

Kedjane Almeida

Impacto significativo e transformador, proporcionando empoderamento, inclusão, confiança, desenvolvimento pessoal e profissional.

Luciane Batistetti Gomes

Conhecimento e networking.

Ana Rubria Ceolin de Bortoli

A partir da ALMA, senti interesse em ajudar mulheres da minha região que não se sentiam parte da cadeia produtiva e, assim, o “Semeando conhecimento” nasceu! Para advogadas, arquitetas, donas de casa, empresárias, médicas, entre outras! Conhecimento de mulher para mulher num ambiente acolhedor em que elas pudessem perguntar tudo. Assim, nos fins de semana poderiam ir à fazenda com suas famílias e se sentirem parte do negócio. Obrigada por me permitir executar um trabalho tão lindo! E com gosto de quero mais. Obrigada por eu poder me doar de corpo e alma. A ALMA terá mais sentido se esse evento incrível for multiplicado. Parabéns!

Fernanda Ferraz Chiquetti

A ALMA abriu meu cérebro, fornecendo ferramentas por meio do conhecimento disponibilizado, capacitando-me para um trabalho muito melhor, seguro e com vista para o futuro.

E, principalmente, abriu meu coração para amar ainda mais este “negócio” que é o agronegócio, que é produzir alimento e tudo o que a terra, juntamente com a tecnologia, proporciona para o bem-estar da humanidade.

Ela me possibilitou entender qual é o verdadeiro valor do nosso país na segurança alimentar do mundo e na preservação do meio ambiente.

Os agricultores e toda a cadeia envolvida na produção aqui no Brasil são merecedores do Prêmio Nobel da Paz!

Maria Sidineia Marotto

Valorização e cuidado.

Marcia Angst

A ALMA despertou em minha alma o sentimento de que nunca devemos parar de ir atrás do conhecimento.

Andreia Bernabe

A ALMA nos capacitou e proporcionou ampliar a rede de relacionamento com produtoras rurais e professores de todo Brasil e países vizinhos.

Luciane Rheinheimer

O conhecimento nos leva a transformar nossos negócios. Crescemos quando aprendemos a ouvir, quando trocamos informações e inovamos nos processos de gestão. Fortalecer relacionamentos e ouvir histórias inspiradoras nos torna seres humanos mais sensíveis e prontas para empreender. A ALMA é vida, é transformação, é compromisso com o futuro do agronegócio.

Marlene Marchiori

Melhorou minha visão de gestão do negócio.

Passei a ter mais segurança no cargo que ocupo, tanto na minha empresa como nas associações, cooperativas e entidades em que atuo.

Ivanir Schallenberger Pradella

Valorização feminina perante o agronegócio, troca de conhecimentos entre as mulheres, novas amizades e incentivo para busca constante de novos conhecimentos. Sempre grata.

Walkiria Malinowski Ferreira

A ALMA não foi apenas novos conhecimentos, mas também novas amizades. Esse networking é de grande valia, pois nos inspira e impulsiona a crescer.

Joseana Mattioni Kurylo

Participar do curso de liderança feminina no agro está sendo uma experiência transformadora para mim. Desde o início, percebi a importância de ter mulheres fortes e inspiradoras ao meu redor, compartilhando suas histórias e desafios. O curso não apenas me proporcionou ferramentas práticas para desenvolver minhas habilidades de liderança como também me fez entender o valor da colaboração e do apoio mútuo entre as mulheres no setor agrícola.

Aprendi sobre a importância de ocupar espaços de decisão e como minha voz pode impactar positivamente a comunidade rural. As palestras e workshops abordaram temas essenciais como gestão de equipes, inovação no campo e a relevância da diversidade nas empresas agropecuárias.

Além disso, as conexões que fiz durante o curso foram inestimáveis. É encorajador saber que não estou sozinha nessa jornada e que juntas podemos transformar o agronegócio, promovendo uma cultura mais inclusiva e equitativa.

Sinto-me mais confiante e preparada para enfrentar os desafios do setor e fazer a diferença na minha área. Recomendo fortemente este curso a todas as mulheres que desejam crescer como líderes e contribuir para um futuro mais sustentável no agro.

Tatiane Petry

A ALMA despertou em mim a responsabilidade do “fazer por mais alguém”: por outras mulheres, por outros produtores, pelo nosso negócio.

Este despertar veio muito pelo conhecimento que recebi na Academia. Mas, além disso, veio pela observação e partilha que os encontros com outras mulheres me proporcionaram.

Encontrei mulheres de todas as atividades ligadas ao agro, de várias idades, de todo o país.

Conversamos sobre negócios, sobre vida, sobre família, sobre futuro.

Sonhamos juntas os sonhos das outras, vibramos a cada vitória (mesmo que acompanhando um pouco de longe), lamentamos as perdas.

Virtualmente, continuamos com uma rede de apoio e de confiança mútua.

Foi encontro de ALMA.

Hilda Loschi

A ALMA me conectou mais na contínua busca do aprendizado, do planejamento, da atualização nas novas tecnologias, pesquisa e evolução da ciência, melhora da performance da produção dentro das áreas produtivas e em agregar valor na rede de relacionamento e comercial, na valorização das pessoas, na segurança de rebanhos e alimentar, com as boas práticas da sustentabilidade ambiental para um legado para as futuras gerações.

Christiane Moraes

O curso tem sido muito significativo para mim. Espero que a ALMA tenha vida longa. Trouxe mais conhecimento, oportunidades, networking, desenvolvimento humano e da oratória, mais encorajamento para incentivar outras mulheres,

participar de ações na comunidade local, poder de iniciativa, despertar para o potencial que temos naturalmente. Abraços a todos os envolvidos e muito obrigada sempre.

Rosane hopp

A ALMA fez eu me reconhecer como uma mulher do agro, sim, que pode ser mais bem-sucedida ainda nesta área.

Ketie Alessio

A ALMA está sendo uma janela de oportunidades para meu conhecimento pessoal e profissional. Só tenho gratidão pelas infinitas maneiras de ver meu negócio, tanto com relação à propriedade como também quanto à função do agro e seu impacto na vida das pessoas no Brasil e no mundo.

Sandra Regina de Oliveira

Passei a enxergar a minha atividade de forma mais profissional e ajudar mais a minha comunidade.

Renata Guimarães Teixeira Borges

Fazer parte dessa jornada me fez reconhecer o potencial que nós mulheres temos dentro do negócio.

Silvane Gazola

Percebi que meus projetos são relevantes e marcantes na vida de outras pessoas.

Carolyne Martignago

A ALMA fez com que enxergássemos o quanto somos importantes para o nosso negócio e a partir daí deu força para buscarmos melhorar a gestão, encorajar pessoas, buscar competitividade e assim ter a sustentabilidade do nosso negócio.

Renata Lúcia Biazoti Ferrari

Conhecer mulheres de todo o Brasil, formadoras de opinião, focadas no crescimento de seus negócios e no desenvolvimento de redes de apoio para outras mulheres. Desde que participei do projeto-piloto, em 2019, me fortaleci como gestora e incentivadora de outras mulheres a assumirem papéis de liderança no agro.

Claudia Liciane Sulzbach

A ALMA conecta pessoas e expande os horizontes. Capacita, encoraja, motiva, fortalece, gera networking, proporciona conhecimentos técnicos e acima de tudo prepara mulheres para o desafiador cenário do agro.

Marisa Brunetta

A ALMA trouxe um novo olhar para a minha gestão nos negócios.

Atualmente, a mulher já está inserida no contexto do agronegócio, desde o momento em que ela quebrou paradigmas para disseminar a sua importância, não somente na gestão, mas também no trabalho no campo e em toda a cadeia produtiva dos negócios.

O trabalho da mulher cria um ecossistema em que ela consegue mostrar sua capacidade e liderança em ambientes que eram exclusivamente

masculinos, promovendo a credibilidade e a confiabilidade na sua atuação.

Sentimos a verdadeira importância das mulheres como empreendedoras elevada a um patamar globalizado e mundial, onde podemos fazer a diferença.

Podemos construir um negócio, realizar sonhos, trazer benefícios à comunidade, sociedade e nação.

Saber o propósito do trabalho da mulher é saber o caminho a seguir para construir um legado para as gerações.

Eu amo o que faço e sei que somos abençoadas em cultivar a agricultura e plantar sementes, porque:

Semente é vida,
que dá vida à vida...

Somos abençoadas em poder honrar, respeitar e agradecer por tudo que a grande mãe Terra nos dá:

O alimento

A vida...

Silvia Suzuki Nishikawa

Foi o despertar para a importância de participar mais de entidades e eventos do setor a fim de buscar conhecimento, expor minhas opiniões, contar minha história e de alguma forma inspirar outras mulheres a acreditar mais em si mesmas, participar ativamente dos negócios da família ou começar o seu próprio e correr atrás da realização de sonhos. Para mim, é poder, e o que transforma sonho em realidade é acreditar.

Deborah Novais Cordeiro

Ampliar conhecimentos, relacionamentos, o incentivo aos estudos, e, com toda certeza, mostrar que nós, mulheres, podemos sim administrar, coordenar e trabalhar com muita honra e respeito em nossas propriedades rurais.

Walkiria Malinowski

Por meio de novos conhecimentos e relacionamentos, trocas de experiências, me senti mais segura para me posicionar e assumir definitivamente meu papel de produtora rural protagonista em minha empresa e nos agronegócios em geral.

Simone Botan

Fui inspirada para ser agente de mudança não importando as circunstâncias, ou seja, tenho a informação e preciso ter atitude diante dela. E essa experiência que trocamos a todo momento nos encoraja por saber que a evolução é contínua.

Renata Ferreira Gomes

Abrir o leque de relacionamento e conhecimento.

Alberta Aparecida Cordeiro Mota

Muito conhecimento de muitos técnicos renomados.

Anônima

Participar da ALMA foi fundamental para implantar mudanças na gestão da propriedade.

Rita Aparecida de Oliveira

Busca por mais conhecimentos, trocas de informações que agregam no dia a dia.

Renate Tumelero Busato

Habilidades e troca de experiências.

Maria Otília Zardo

O melhor destes cursos, além do conhecimento adquirido, é a rede de relacionamentos.

Sandra

Para mim, está sendo muito importante e gratificante participar da ALMA com mulheres de várias regiões do Brasil. Ser uma das indicadas pela Corteva e estar entre elas está sendo de muita relevância na minha formação pessoal e profissional: os debates, as trocas de experiências, a amizade conquistada graças ao projeto. Só tenho a agradecer a cada professor, a cada colaborador da Fundação Instituto De Administração (FIA) e a todos os envolvidos por esse grande aprendizado.

Aline Fernanda Cossetin

A ALMA abriu horizontes e me trouxe uma visão global de mercado, de gestão familiar, de conhecimento técnico e o mais importante, trouxe colegas e trocas que jamais teria vivenciado em um curso comum de MBA. O projeto é muito agregador, muito entusiasmante e complementa nossas vidas.

Roberta Meneghetti

Comecei a me ver mais como protagonista da minha empresa, e claro, ver a nossa propriedade como uma empresa. Assumi um cargo na diretoria do sindicato rural da minha cidade e já vou para o terceiro mandato na diretoria. Aprendi a lidar com desafios de gestão.

Emily Rocha de Almeida Paim

Durante a ALMA, conheci pessoas e histórias que me inspiraram e me motivaram a buscar mudanças e inovações. Fiz uma rede de relacionamentos que trago comigo até hoje. Descobri que tenho muito em comum com tantas outras mulheres e que podemos crescer juntas nos apoiando.

Helga França de Paiva

A ALMA possibilitou um aprendizado extraordinário de crescimento e desenvolvimento contínuos dentro e fora da porteira. Esse treinamento é essencial para a vida profissional, financeira e familiar, pois possibilita um aprendizado em diversas áreas. Sou grata por ter sido convidada a fazer esse treinamento. Sempre que tiver outros, estarei à disposição para continuar o meu desenvolvimento com os treinamentos da Corteval! Gratidão a todos pela disponibilidade em criar a ALMA, um divisor de águas de conhecimento em nossas atividades e em nossas vidas!

Eliane da Motta Oliveira

Trouxe novas visões para a gestão empresarial e profissional.

Sirlei Fritzen

A ALMA contribuiu para o meu fortalecimento pessoal e profissional. Obtive confiança em aceitar novos desafios e provei que poderia ir além.

Scheila Foresti Markus Silva

A ALMA foi um grande divisor de águas, pois graças a essa academia adquiri mais conhecimentos e segurança e entendi definitivamente que tudo podemos quando temos foco, determinação e coragem para sermos as verdadeiras protagonistas de nossa carreira profissional, além de ter tido a oportunidade de networking com pessoas maravilhosas que só enriqueceram mais a minha vida.

Marinês Christofolli Parisenti.

A ALMA mudou a minha visão sobre a participação das mulheres no agronegócio. E também vem me dando embasamento técnico para mudar a visão de pessoas próximas a mim sobre a atuação das mulheres neste ramo. Ver as mulheres, de forma organizada, se envolvendo, defendendo e lutando para enfrentar as dificuldades é inspirador! A cada dia me sinto mais fortalecida por esta experiência maravilhosa! Agradeço muito pela oportunidade que estou tendo!

Cynthia Leles Rezende

Entender que podemos sim fazer parte de algo em constante mudança. Que meu exemplo pode impactar outras mulheres que como eu sou filha do fulano e também a diretora, a gestora e a influenciadora dentro do meu negócio.

Karoline Castelli

Eu fiz a ALMA na pandemia e isso foi um divisor de águas. Na época, ficávamos em casa praticamente o dia todo e a melhor hora era a que antecedia as aulas. Aos poucos, fui vendo como as mulheres eram protagonistas em suas propriedades. Foi para mim um evento participar da ALMA nesse ano de pandemia.

Verônica Aguera dos Santos Martinez

A ALMA está sendo para mim uma grande fonte de inspiração, não só como mulher do agro, mas como fonte de conhecimento vindo de tantos professores e palestrantes capacitados, o que está me ajudando a abrir os horizontes e me possibilitando a cada dia ver o quanto o agronegócio tem impactado a minha vida e a das pessoas ao meu redor.

Beatriz Vilela Pacheco

Entendimento e melhoria na gestão da fazenda e novos direcionamentos administrativos.

Maria da Conceição de Araújo Rohr

A abordagem da ALMA é extremamente profissional, o que teve um impacto significativo na minha postura como produtora rural, pois me inspirou a adotar uma postura mais profissional em minhas próprias práticas. Além disso, o curso abriu meus olhos para as inúmeras oportunidades dentro do agronegócio, permitindo-me conectar com pessoas de diversas áreas e expandir minha rede de contatos.

Isabella Ribeiro Jorge

A ALMA me ajudou a aumentar minha autoconfiança e também a relação entre pessoas. Para mim, ter participado da turma de ESG em 2023 e fazer o projeto final de nossa propriedade foi fantástico. Sei que deu muito trabalho para desenvolver esse projeto, porém, hoje me guio em algumas ações que foram inseridas nele, tornando gratificante ver a evolução dessas ações em nossa fazenda. Dentre elas, estamos acabando, em outubro de 2024, a construção de um dormitório, uma residência e um centro de recreação para os filhos de nossos colaboradores visando ao bem-estar social. Aumentamos também um barracão para máquinas e estamos finalizando, já para a safra de soja 2024, nossa fábrica de biológico, sabendo que a adubação de toda a nossa área foi com o composto orgânico fabricado na fazenda. Por fim, além da sustentabilidade integrada, o sistema de governança está se aprimorando com o cotidiano.

Renata Ferguson

Iniciar a ALMA foi uma virada de chave na minha vida! Além de me sentir mais capaz e segura para ajudar a exercer a gestão da fazenda, ela me abriu um leque de oportunidades, tanto no círculo de amizades quanto no que diz respeito a me sentir mais segura para assumir a presidência da Comissão das Produtoras Rurais do estado de Goiás! A ALMA foi uma vitrine de conhecimentos para mim! Faz parte da minha jornada! E para sempre ficará no meu coração! Só gratidão pela oportunidade de fazer parte deste grupo.

Ângela Maria Sebastiani van Lieshout

A ALMA foi decisiva na minha trajetória. A ALMA é muito mais que conhecimento, é conexão, amizade, aprendizado. Todo ano com assuntos importantes, todo ano conheço mulheres incríveis que me inspiram. Graças à ALMA e à Corteva, tive o privilégio de estar em lugares em que nunca imaginei ter espaço. Eu faço questão de participar e me dedicar ao máximo todos os anos, pois faz muito sentido para mim. Aprender e conhecer pessoas, depois nos encontrarmos presencialmente e absorver toda a energia de mulheres maravilhosas é inspirador e revigorante!

Fernanda Pradella

Proporcionou novos conhecimentos, contatos e um olhar diferente para o meu papel no agronegócio.

Greziela Castelli Silva

A ALMA é um curso que abriu minha visão como profissional de liderança, membro de uma instituição e gestora. Somos instigadas a pensar de um modo diferente e leve. Adorando esse momento de conhecimento.

Caroline Ragagnin Basso Roza

A ALMA despertou em minha alma o sentimento de que nunca devemos parar de ir atrás do conhecimento.

Andreia Bernabe

Turma de liderança ALMA 2023



Conclusão

Elas: pronome da transformação

Não foi uma jornada fácil, assim como todas que nos dispusemos a fazer com empenho e excelência. Como todas as mulheres da ALMA, que se dividem em muitas para dar conta da liderança no negócio, da família e dos estudos, nós, autoras desta publicação, nos propusemos a contar esta história com um propósito: reforçar a importância da governança da mulher no setor que é vital para a alimentação do mundo.

Se você chegou até aqui, certamente vai concordar que a jornada das mulheres no agronegócio é um poderoso movimento de transformação. Ouvindo partes importantes desta iniciativa e a essência delas, líderes e alunas da Academia, percebemos que a ALMA não é só um programa de capacitação; ela é um ponto de partida para a emancipação, um instrumento de pertencimento de capacidades, o início de uma nova era do agro brasileiro. As histórias contadas mostram que, com o apoio certo e o acesso ao conhecimento, elas podem e estão mudando a realidade onde se propõem a estar.

Cada depoimento presente nestas páginas é um testemunho de coragem, iniciativa, resiliência e, acima de tudo, poder de transformação. Todas as entrevistas feitas para esta publicação mostraram que as mudanças começam pequenas, mas ganham o tamanho que damos a elas. O que começou como curiosidade sobre temas pouco estudados se transformou em uma onda de renovação, impactando não apenas mulheres e negócios, mas comunidades e entidades do setor.

Tentamos mostrar aqui a força da ALMA nessas novas constituições sociais do agro, e, principalmente, como o poder do conhecimento é capaz de romper barreiras culturais que, por gerações, limitaram o papel das mulheres. Não é apenas uma caminhada de aprendizado técnico, é também uma jornada individual, em que cada uma dessas mulheres reconhece o próprio valor e potencial.

Historicamente, o agronegócio é visto como um setor predominantemente masculino,

mas mostramos nas páginas anteriores que a realidade está mudando. Dados de pesquisa recente sobre o empreendedorismo feminino¹ apontam que cerca de 40% dos negócios no Brasil são liderados por mulheres, o que corresponde a 8,4 milhões de negócios. No agro não é diferente e também está mudando.

Outro aspecto marcante dessa ALMA cheia de possibilidades é o papel do engajamento coletivo promovido e despertado nas aulas. A Academia não apenas capacita individualmente como também cria uma rede de apoio e transformação coletiva. Esse reconhecimento é determinante para promover mudanças sustentáveis e duradouras.

O futuro do agronegócio brasileiro está sendo moldado também por essas mulheres. A transformação que vemos não é apenas econômica, mas também social e cultural. A ALMA e suas alunas estão rompendo os estereótipos de gênero e mostrando que a liderança no campo pode e deve ser diversificada.

Outro ponto fundamental abordado neste livro é como a ALMA tem contribuído para a desconstrução de barreiras culturais e sociais. Durante muito tempo, o papel da mulher no campo foi visto de maneira limitada e subvalorizada. Elas eram associadas às tarefas coadjuvantes e raramente vistas como

protagonistas, tomadoras de decisões. Os depoimentos mostram que essa realidade está ficando para trás. As mulheres do agro estão ocupando posições em conselhos de cooperativas, sindicatos e organizações de classe. Elas estão na linha de frente, promovendo mudanças, e isso só foi possível porque houve uma mudança no olhar que tinham sobre si mesmas.

Este livro é um testemunho da força do coletivo. As histórias contadas aqui são inspiradoras, não apenas porque mostram mulheres que superaram desafios, mas porque apresentam mulheres que acreditaram em seus sonhos e não desistiram, mesmo quando tudo parecia impossível. A ALMA é uma academia de conhecimento, mas também é uma academia de sonhos, de esperança, de novas possibilidades.

A jornada da ALMA não termina aqui. Na verdade, este é apenas o começo de uma longa caminhada que promete transformar o agronegócio brasileiro. Cada uma das alunas e ex-alunas carrega consigo a responsabilidade de não apenas aplicar o que aprendeu como também de compartilhar, multiplicar e inspirar outras pessoas. É isso que torna a transformação do agronegócio algo possível e real. Vamos juntas, em frente?

1. Letícia Sé. Mulheres comandam 40,5% das empresas do país, e maioria empreende sozinha, mostra pesquisa. Pequenas Empresas & Grandes Negócios, 23 nov. 2022. Disponível em: <<https://revistapegn.globo.com/mulheres-empreendedoras/noticia/2022/11/mulheres-comandam-405percent-das-empresas-do-pais-e-maioria-empreende-sozinha-mostra-pesquisa.ghtml>>. Acesso em: 6 out. 2024.



ALMA

Academia de Liderança para
Mulheres do Agronegócio

PARCERIA:

